

# MARIA HELENA ANDRÉS CAPÍTULO 9 - ARTE, ESPIRITUALIDADE, CULTURA E NATUREZA



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023

Os textos foram publicados nos blogs  $\underline{www.memorias eviagensmha.blogspot.com.br}$ 

e www.mariahelenaandres.blogspot.com.br

# SUMÁRIO

1.	CELEBRAÇÃO DA VIDA	4
2.	SUSTENTABILIDADE E ARTE	6
3.	CONSTRUÇÕES SENSÍVEIS NO CCBB	8
4.	O CONSTRUTIVISMO BRASILEIRO E A ARTE DOS ÍNDIOS	10
5.	JK E CULTURA	12
6.	BRASÍLIA, CAPITAL DO SONHO	14
7.	DARCY RIBEIRO E O BEIJÓDROMO	17
8.	O OUTRO LADO DE BRASÍLIA	20
9.	ENCONTROS EM BRASÍLIA	22
10.	INCONFIDÊNCIA ECOLÓGICA	24
11.	MÚSICA PARA AS MONTANHAS	25
12.	DOMINGO DE PÁSCOA NO RETIRO	27
13.	PIETÁ NAS MONTANHAS	28
14.	AS PEDRAS DO RETIRO	29
15.	TRANSGRESSÃO	31
16.	CONVERSANDO COM PÁSSAROS	33
17.	CAMINHANTE	35
18.	PIERRE WEIL	37
19.	PIERRE WEIL E O RETIRO DAS PEDRAS	38
20.	SERRA DA CALÇADA, UMA MONTANHA SAGRADA	41
21.	A DESTRUIÇÃO DE MINAS GERAIS	42
22.	NÃO ESQUEÇAM MARIANA	44
23.	QUEIMADAS NO RETIRO DAS PEDRAS	45
24.	MINAS, TERRA DE MUITAS CORES	47
25.	REFLEXÕES JUNTO À SERRA DO CURRAL	49
26.	VISITA A INHOTIM	51
27.	AS FLORES DE BELO HORIZONTE	52
28.	NATAL, ONTEM E HOJE	54
29.	CARNAVAL: ARTE CONTEMPORANÊA À MARGEM DOS MUSEUS	56
30.	SÃO SEBASTIÃO	58
31.	SEMANA SANTA EM OURO PRETO	59

32. HORTA ORGÂNICA	60
33. PIC NIC NA FAZENDA	61
34. NOSSAS RIQUEZAS, NOSSOS PROBLEMAS	63
35. MEDITAÇÃO	65
36. MEDITAÇÃO NO TRABALHO	67
37. ARTE COMO DESPERTAR DO SER INTERNO	69
38. EM BUSCA DO SER INTERNO	71
39. SOL DO MEIO DIA	72
40. ABSTRACIONISMO E ESPIRITUALIDADE I	74
41. ABSTRACIONISMO E ESPIRITUALIDADE II	76
42. ABSTRACIONISMO E ESPIRITUALIDADE III	78
43. ABSTRACIONISMO E ORIENTALISMO I	80
44. ARTE SACRA I	84
45. ARTE SACRA II	86
46. ARTE SACRA III	87
47. ARTE SACRA IV	89
48. HELOISA OLIVEIRA, UMA BRASILEIRA NO BUTÃO	90
49. A CASA DO BUTÃO	92
50. FELICIDADE INTERNA BRUTA PARA TODOS	93
51. PADRE INÁCIO	95
52. JOHREI E INIMÁ DE PAULA	97
53. UMA EXPERIÊNCIA TRANSCENDENTAL	98
54. A BELEZA DO COTIDIANO	100
55. PARA O RONEI FILGUEIRAS	101
56. FORÇAS DA NATUREZA	105

## CELEBRAÇÃO DA VIDA







Fotos de Euler Andrés

Um dia me questionei:

Seria a arte uma necessidade

biológica ou psicológica

do ser humano?

Por que a necessidade de expressão?

Por que me levanto

de madrugada

e no silêncio, enquanto todos dormem,

me debruço sobre o papel

ou sobre a tela branca?

O que significa a expressão artística

quando outras necessidades prioritárias

se desenrolam à minha frente?

Uma voz interna me responde:

A arte é forma de meditação e

autoconhecimento.

Olho as montanhas

que se perdem nas brumas do amanhecer.

Uma cigarra começa a cantar

e os pássaros iniciam a sua orquestra matinal.

As flores se abrem

saudando a manhã de sol.

E a resposta me surge com toda evidência

de um momento de luz:

A arte é a necessidade de celebrar o

próprio fato de existir.

20 de junho de 2016

#### SUSTENTABILIDADE E ARTE



Foto: Maurício Andrés

Nesta sequência de temas ecológicos que pretendo postar algumas vezes, peço uma reflexão sobre o efeito estufa e suas consequências desastrosas para a vida no planeta.

Diariamente os jornais publicam com grande sensacionalismo as enchentes no Brasil, Indonésia, China, EUA e outros países. Também escrevem sobre a lama vermelha atingindo o rio Danúbio por causa da lavagem da bauxita.

Lembro-me de Porto Trombetas, no Pará e de um navio parado no porto, carregando bauxita para outras terras. Onde seria feita a lavagem desse minério? Aqui no Brasil ou em outras terras? A bauxita serve para a fabricação do alumínio, atendendo às necessidades do consumo.

O consumo está nos conduzindo aceleradamente para a destruição. O apelo excessivo às coisas inúteis acumula o lixo e o lixo é um dos grandes problemas do mundo. Onde colocar o que sobra dessa ambição excessiva, desse desejo insano de ter coisas e mais coisas?

Navios estrangeiros estiveram recentemente em nossos mares, trazendo lixo para ser despejado e retornaram ao lugar de origem sob protestos. Cada um que cuide do seu lixo.

No meio do caos, ideias novas vão surgindo. Assisti recentemente a uma palestra do engenheiro Carlos Faria sobre o uso da energia solar como alternativa para o século 21. O conferencista mostrou o que está sendo feito no mundo e destacou a iniciativa da ilha de Chipre,

onde essa energia é colocada em 90% das construções. Admirei o fato de que na Suécia a energia solar é armazenada para uso coletivo, a fim de ser usada no momento adequado atendendo à população.

No Japão, uma esteira rolante de 232 km em Yokohama é movida a energia solar e já poupou a emissão de 27 toneladas de carbono.

Também naquele país, depois de ampla campanha incentivando a reutilização de materiais, foi elaborado um eficiente sistema de reciclagem, servindo de base para a criação da "cidade ecológica". Hoje, seis fábricas de material reciclado funcionam no local, processando plástico, produtos eletrônicos usados, papel e garrafas PET. "São empresas que têm como matéria prima resíduos de outras empresas".

"Além de beneficiar o meio ambiente, a cidade ecológica gera receita ao município, pois é o governo local quem reconhece a matéria prima e a vende nas fábricas". Estas são palavras de Humberto Resende, jornalista recentemente convidado a visitar o Japão.

Estas iniciativas em torno da sustentabilidade são experiências que podem servir de referência para o Brasil.

O Japão é um país muito pequeno, mas tem uma sabedoria que pertence a um passado onde o respeito à natureza é prioritário.

Visitei o Japão durante a Expo-70 e pude admirar no meio do avanço tecnológico, também o amor à natureza, demonstrado através dos jardins de meditação.

"A filosofia Zen ordenou sugerir e não demonstrar. O homem desaparece dentro da paisagem. A natureza que o antecipou continua, em seu silêncio, a superá-lo. O homem vive, cresce e morre. A montanha resiste, afronta tempestades, ventanias e às vezes terremotos, mas só uma energia muito grande consegue derrubá-la.

Enquanto o mundo ocidental preocupava-se com o homem, e o renascimento rendia-lhe verdadeiro culto como centro do universo, o oriente, silenciosamente engrandecia a natureza".

Este texto, retirado de meu livro "Encontro com mestres no Oriente" serve no momento como um instante de reflexão.

Não seria esta colocação do homem como centro do mundo, como dono das montanhas, dos rios, dos mares, o grande equívoco da nossa civilização ocidental?

Colocar o homem como dono e não como ponto pequenino na paisagem, gera uma série de erros irremediáveis. Os rolos de 15 metros da paisagem japonesa, expostos no museu de Tóquio, ao inserir o ser humano com o seu real tamanho diante das montanhas e dos mares, conferem às gerações futuras o caminho da sustentabilidade e nos ensinam mais do que as palavras.

"Também a cerimônia do chá, ao agradecer a cada um que participou com seu trabalho para produzi-la — os agricultores, os ceramistas, quem recolheu a água — e agradecer também ao barro, ao vegetal, ao líquido — demonstra o reconhecimento a toda a cadeia produtiva que possibilitou que a cerimônia se realize. É um exemplo de consciência eco tecnológica. E o Japão também evitou uma crise ecológica ao ter decidido, há muitas décadas, a proteger suas florestas, os Alpes japoneses. "

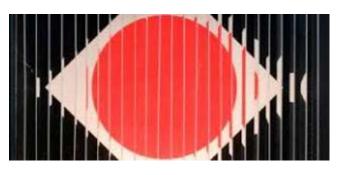
20 de outubro de 2010.

## **CONSTRUÇÕES SENSÍVEIS NO CCBB**

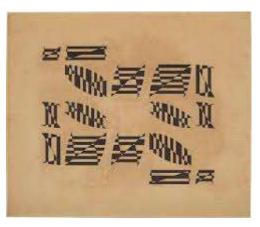












\*Fotos da internet

"A exposição Construções sensíveis: A experiência geométrica Latino-Americana na coleção ELLA FONTANAIS-CISNEROS, traz ao Brasil um recorte da abstração em nosso continente. Junto ao importante legado do concretismo e neoconcretismo brasileiros, são apresentadas as poéticas abstratas que prosperaram em outros países a partir dos anos 1930." (Extraído do catálogo da exposição Construções Sensíveis, no CCBB de Belo Horizonte)

Percorro uma exposição que nos remete ao passado, ao Construtivismo que percorreu o mundo e veio nos mostrar o quanto somos irmãos.

Realmente, somos parecidos, mesmo que não tenhamos tido a oportunidade de um encontro pessoal.

Existe o encontro espiritual, encontro de sensibilidades semelhantes.

O construtivismo vai nos mostrando a identidade dos artistas.

Ele veio da Europa e encontrou na América Latina seus irmãos espirituais.

Os construtivistas europeus vieram da Rússia, desceram até a Alemanha e a França, e, por motivo de guerra, chegaram às Américas.

A América acolheu os imigrantes artistas, como Mondrian. Ali ele se redescobriu, ficou famoso.

A Argentina e o Uruguai receberam a mensagem construtiva, através da arte e do pensamento de Torres Garcia. Ele buscava o espiritual na arte e a redescoberta dos povos primitivos das Américas.

O Brasil tornou-se o grande difusor das ideias construtivas. No nosso solo floresceram artistas plásticos, poetas, críticos, tendo a Bienal de São Paulo como a grande difusora.

O construtivismo chegou até as montanhas de Minas e ali encontrou jovens artistas que aderiram ao movimento.

Revejo nesta exposição os *Bichos* de Lygia Clark, os *Metaesquemas* de Hélio Oiticica, as telas construtivas de Volpi e Ivan Serpa, os objetos de Ana Maria Maiolino e Mira Schendel.

Dá vontade de chegar perto, tocar e participar. Mas o *Bichos* estão resguardados por vidros protetores.

Caminhar pela exposição é encontrar as origens, a expansão e o sentido deste movimento que percorreu o Brasil na década de 1950.

Fiz parte deste movimento.

Nunca me senti tão bem numa exposição de arte.

Dá vontade de ficar olhando cada quadro, cada escultura, cada desenho ou gravura.

Seus autores já partiram para outro plano, mas deixaram sua obra como testemunho de sua passagem pelo planeta.

O construtivismo sensível não acaba nunca, porque ele é o mensageiro de uma paz que existe

dentro de todos nós.

Esta paz, os artistas buscaram por meio de obras de grande beleza e serenidade.

O desejo de paz veio à tona numa época de grandes guerras. Duas grandes guerras na Europa, várias ditaduras pelo mundo.

Todos passaram para a história, os artistas morreram, mas sua arte continua viva, trazendo até nós o desejo da paz que os inspirou.

O construtivismo é uma meditação.

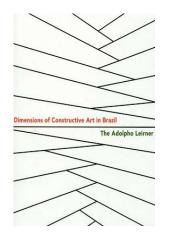
Mergulhados no silêncio de sua própria interioridade os artistas transcenderam a violência e a opressão.

Percorrendo as salas desta exposição vou sentindo cada vez mais o poder da arte de transmutar energias.

Os movimentos políticos passam, mas a arte permanece.

29 de outubro de 2018

### O CONSTRUTIVISMO BRASILEIRO E A ARTE DOS ÍNDIOS







Fotos: Maurício Andrés

No momento em que a arte construtiva brasileira está sendo mostrada em Houston nos Estados Unidos com o maior sucesso, convém lembrar nossas origens indígenas.

"Eu nunca te encontraria se já não estivesses comigo". Esta frase de Saint Exupéry nos mostra a força de uma tradição que aflorou na década de 50, conduzindo artistas, pintores, desenhistas, escultores, designers, arquitetos, poetas, para a busca da ordem e do equilíbrio dentro da arte.

Esta ordem interna sempre foi buscada pelos índios em todas as suas manifestações culturais

que se estendiam para a vida da comunidade.

A arte dos índios, em seus padrões geométricos, repetitivos e disciplinados, remete a outros domínios do pensamento, constituindo meios de comunicação e modos de conceber, compreender e refletir a ordem social e cosmológica. Modelando a argila ou pintando o próprio corpo eles se harmonizam com a natureza, integrando-se ao seu meio.

Segundo os irmãos Villas Boas, famosos indigenistas brasileiros, temos muita coisa a aprender com os índios. Para eles a natureza conserva-se a mesma. O ano é dividido em dois períodos distintos: o inverno ou o tempo das águas, começando em outubro e terminando em março; e o verão, período seco, de abril a setembro. O ritmo de vida do índio acompanha o ritmo da natureza. Quando chegam as chuvas, ele se retrai silenciosamente para dentro das malocas, cuidando de trabalhos miúdos. Deixa de pintar o corpo e de se enfeitar. Suas atividades são mais serenas. Espera pacientemente as águas crescerem, os rios invadirem as matas, para deixar a maloca em busca dos peixes que já estão à espera dos primeiros frutos caídos das árvores. De acordo com o verão e o inverno, denominações que têm correspondência exatamente oposta à nossa, vive uma vida ativa ou retraída, caçando, pescando ou cuidando de trabalhos menores.

No Museu do Índio, no Rio de Janeiro, procurei observar com atenção os caracteres geometrizados em todo artesanato indígena nas cestarias, cerâmicas e até na pintura corpórea. Muito antes da chegada dos europeus, mergulhados nas florestas, seguindo o ritmo natural da vida, os índios buscavam o equilíbrio também em suas manifestações artísticas.

Observavam a pele dos animais, onças, lagartas e dali partiam para a busca da ordem e da simetria em seus padrões geométricos.

Nossos antepassados se manifestavam de forma construtiva, um construtivismo orgânico e espontâneo.

O construtivismo brasileiro também buscou alcançar este equilíbrio e ordem. O movimento construtivista que se propagou pelo Brasil na década de 50 foi uma integração perfeita do que veio da Europa com o que já existia dentro de nós.

21 de maio de 2010

### **JK E A CULTURA**

















\*Fotos da internet

Como artista plástica e aluna de Guignard, acompanhei de perto a carreira de sucesso de

Juscelino, o seu potencial de energia criadora e organizadora. Hoje, posso avaliar o quanto ele conseguiu antecipar o seu tempo em seu governo e realizar as características do ser humano do século XXI, onde o coração se une à razão, afim de humanizá-la.

No século XXI, ética e estética caminham juntas.

Como prefeito de Belo Horizonte, Juscelino promoveu uma verdadeira revolução nas artes. Portinari, Niemeyer e Burle Marx receberam a incumbência de realizar o conjunto da Pampulha.

Na mesma ocasião Alberto da Veiga Guignard chegava a Belo Horizonte, também convidado por JK, a fim de modernizar o ensino da arte em Minas. A Escola Guignard foi criada livre dos preceitos tradicionais. Os alunos acompanhavam a equipe de artistas que viera do Rio e tinham a oportunidade de ver de perto Portinari pintando a igrejinha da Pampulha. Ali estavam reunidos os pioneiros de uma nova mentalidade.

A instalação do modernismo em Minas trouxe em seu contexto uma síntese das artes, promovendo uma forte mudança na sociedade. JK foi o incentivador dessa renovação. Trouxe o maestro Bosmans para reger a sinfônica, João Cheschiatti para promover o teatro, incentivou uma grande exposição de arte moderna no edifício Mariana, rompendo com o academismo artístico do mineiro. Esse primeiro rompimento com o passado tradicional foi acompanhado de fortes contestações nas avenidas da cidade e alguns quadros modernistas foram mutilados. No entanto, os jovens abraçaram a ideia de mudança.

As ideias renovadoras de JK, sua intuição e amor às artes, aglutinavam os artistas ao seu redor. Grandes artistas também o acompanharam a Brasília, contribuindo com sua arte para a instalação do modernismo também no Brasil central.

Realizar 50 anos em 5 era uma das fortes propostas do seu governo, cujas metas fizeram o Brasil crescer porque foram realizadas com amor e entusiasmo.

Juscelino enxergava o futuro com antevisão, pensando nas gerações futuras. Visitando o local onde seria construída a nova capital do país, pronunciou um discurso afirmando a sua fé no futuro do Brasil.

"Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino". Essas palavras cheias de otimismo conduziam a construção de Brasília. O sonho de Dom Bosco se concretizou sob sua ação.

Juscelino acreditava que a marcha para o oeste era a grande meta a realizar. Essa marcha foi realizada democraticamente, descendo ao povo, dançando e cantando com eles, estimulando a sua

cultura e incentivando sua arte.

Hoje, sob luzes e cores, as formas da catedral idealizada por Niemeyer oferecem um espetáculo de beleza e arte, numa prece a Deus pelo destino do país.

Brasília se projetou no mundo inteiro como a consagração do modernismo no Brasil, elevando a fé e o otimismo dos seus criadores.

O Memorial JK guarda a memória de um mineiro que teve a coragem de alargar as fronteiras de nosso país, trazendo a civilização para o centro-oeste.

Todo o itinerário do presidente ali está, nas fotos, nos objetos de uso familiar, na grande biblioteca com 3000 livros, nos vídeos contando sua vida. Extraordinariamente bem cuidado, o memorial é um templo de beleza e amor.

11 de dezembro de 2017

## **BRASÍLIA, CAPITAL DO SONHO**











\*Fotos de Maurício Andrés e da internet

Sonho de Dom Bosco

Que ficou na memória.

Sonho de Juscelino

Que se concretizou.

Vejo Brasília como a

Capital do sonho

Porque para mim

Ela ultrapassa

A sede do poder

As brigas e discussões

As ambições e perdas.

Todo um acervo do pensar

Positivo ou negativo

Se concentra aqui.

Mas o pensar não obscurece

Aquilo que ficou

Para todos nós e para

Nossos descendentes.

Brasília é um sonho

Que se concretizou

Nas imensas áreas

Dos gramados verdes

Com árvores frutíferas

À disposição de quem passa.

Qualquer um pode apanhar

Mangas, jacas, pitangas

Laranjas, limões...

Em se plantando tudo dá

Dizia Pero Vaz de Caminha

Em carta para o rei de Portugal.

E o Brasil passou a ser o

Sonho dos europeus.

Brasília está plantada no

Planalto Central, longe da

Ambição da zona metalúrgica.

Plantar, produzir, fazer a terra

Manifestar sua riqueza

Este foi o sonho de Dom Bosco.

Coube a um mineiro a

Grande missão de

Marchar para o oeste.

Getúlio sempre falava:

"Brasileiros, precisamos

Marchar para o Oeste!"

Este sonho se concretizou

Com a coragem de Juscelino.

Chamou os candangos do nordeste

Que hoje vivem nas cidades satélites.

Gente pobre, carregando trouxas

Famílias desprovidas de tudo.

Aqui plantaram seus pequenos núcleos

Produtivos, pequenas empresas.

Vieram os fazendeiros e cercaram

Brasília de mandalas imensas

De verduras, pomares, hortas comunitárias...

Brasília, capital dos sonhos.

Recorda em suas construções

Modernas, realizadas pelo sonho de Niemeyer

E Lúcio Costa, o grande plano piloto

De uma aeronave pousada

No meio do planalto central.

Eles nunca serão esquecidos.

"A política passa, a arte fica"

Nos disse um dia uma comentarista

Realmente a arte vai ficar em

Brasília, nos seus grandes monumentos.

Brasília, em sua brancura, irá

Permanecer para os nossos

Descendentes.

Neste momento, sentada em frente

Ao lago Paranoá

Eu saúdo Brasília

Capital de todos os sonhos.

E o grande mineiro Juscelino,

Que se aventurou a enfrentar

Todas as dificuldades e aqui plantou

Uma cidade linda

Olhando sempre para o futuro.

4 de fevereiro de 2020

#### DARCY RIBEIRO E O BEIJÓDROMO





Fotos de Maurício Andrés

No "Beijódromo" de Darcy Ribeiro, na Universidade de Brasília, estão guardadas as obras de arte que Darcy colecionou e todo o seu acervo de livros. Esse memorial foi construído para ser o guardião da obra do antropólogo que, celebrando os afetos, o batizou. Em carta de março de 1996 ao reitor da Universidade de Brasília, Darcy Ribeiro dizia, sobre o edifício do memorial, que "uma extensão dele se abre num palco ao ar livre, frente arquibancadas postas numa encosta que servirá para programas de leitura de poesia e de teatro e para serestas, designado como Beijódromo". Escreve Paulo de F. Ribeiro, presidente da Fundação Darcy Ribeiro - FUNDAR: "É com o desejo de interferir no presente que o Memorial Darcy Ribeiro se afirma. Configurando-se como um novo local para a promoção da cultura e do conhecimento. Um centro cultural apto a receber espetáculos de música, teatro, poesia e exposições. Entre as suas atrações, merecem destaque a Biblioteca Darcy e Berta Ribeiro, especializada em ciências sociais, educação e América Latina, com aproximadamente 30 mil volumes, e o cineclube. As salas de aula do Memorial estão abertas para a discussão de projetos, planos, programas e pesquisas em prol do Brasil e da América Latina, objetos de permanente pesquisa do professor Darcy".

Releio o roteiro de Darcy, disponibilizado na internet e que ilustra de forma atual a vida dos habitantes de nossas florestas, defensores das matas e dos rios. Os índios e aos astronautas tem muito em comum e nos indicam caminhos diretos para a amplidão cósmica. Os índios inspiraram a arte concreta brasileira e a sua forma simples, geométrica é um exemplo do quanto esse tipo de arte já existia no Brasil, muito antes da chegada dos padrões europeus. O construtivismo está por herança direta, ligado ao Brasil e se manifesta até hoje nas cerâmicas, na arte corporal, nas danças. Pesquisando as origens do traço, da linha, somos conduzidos aos aspectos formais que se manifestaram na arte indígena. Meu caminho nas artes não figurativas esteve ligado

involuntariamente a esses nossos antepassados.

Darcy penetrou nas comunidades indígenas, sentiu todo o drama a que foram submetidos, trouxe luz para a resolução de seus problemas. Seus livros são conhecidos pelo mundo afora e me lembro de Ana Pascale, uma intelectual de Roma, que nos recebeu em sua casa: "Conheço o Brasil através dos livros de Darcy Ribeiro". Hoje suas pesquisas que resultaram no livro "O povo Brasileiro", estão concentradas em 10 capítulos de vídeos disponibilizados no YouTube, ilustrados com imagens das comunidades.

Por ocasião da inauguração do restaurante do prédio, em Brasília, ganhei de presente um livro que mostra a obra e a construção do Memorial ao antropólogo brasileiro, uma figura de grande repercussão internacional.

Aqui vão trechos do livro sobre o Beijódromo:

João Filgueiras Lima, o Lelé, projetou o prédio e disse: "Tenho a maior admiração pela arquitetura indígena, que nos legou uma das coisas mais bonitas que há em arquitetura: a cabana comunitária xavante. No meu curso (de tecnologia de construção), a primeira coisa que mostro é como ela era adequada à situação social em que (aqueles índios) viviam. As dimensões, como se protege do calor. A própria tecnologia da construção, que acho algo extremamente inteligente para os materiais rudimentares que utilizava. Graças a Darcy, tive oportunidade de ver todas as etapas da construção da cabana, e estudei aquilo." Ainda João Filgueiras: "A cabana dos índios possui ventilação, até um shed como esses que utilizo em meus trabalhos. Fazem a cobertura de palha, passando uma por cima da outra, tem uma cumeeira por onde sai o ar quente... Também a forma de curvar as peças e criar uma tensão diferente: os índios usavam peças muito mais finas com a mesma resistência e amarravam nessa cumeeira. É possível identificar ainda o contraventamento... É uma forma de desenvolvimento cultural, tecnológico, que foi se apropriando do uso contínuo, porque a cabana foi repetida durante pelo menos mil anos... No projeto da Fundação Darcy Ribeiro, a grande cobertura teve um sentido um pouco disso, pode-se interpretar tanto como uma nave espacial quanto como uma cabana indígena. Depende da sensibilidade de quem vê. Tem dois apelos: pode ser uma nave espacial pousada, porque é uma coisa leve, muito delicada, e pode ser uma cabana, pela forma."

Num sábado chuvoso, fomos visitar o "Beijódromo". O gramado agradecia a chuvinha fina e a construção arquitetônica do memorial se impunha como um momento de reflexão e luz. Sua forma circular faz lembrar uma maloca de índio, aqueles habitantes do Brasil que precederam a chegada dos europeus, mas tinham contato direto com outras dimensões.

2 de março de 2017

## O OUTRO LADO DE BRASÍLIA







\*Fotos de Maurício Andrés

Imagine

Você poder apanhar

Uma manga, ou

Uma goiaba, jaca, abacate, laranja,

Todas pertencendo

A todos. Você apanha

E vai descascando e

Comendo sem pagar nada!

Imagine um condomínio

Onde as horas comunitárias

São para todos, para qualquer

Apanhar um tempero Tudo de graça. Imagine Uma quadra Onde o vendedor de jornais Organiza um chorinho Reunindo pessoas idosas, adolescentes E crianças. Fazem roda e Tocam todos os sábados **Imagine** Um lugar Banhado Pelo sol dos Trópicos. Ruas planas Sem altos e baixos Gente fazendo Caminhada Indo e vindo E cumprimentando Quem chega "Bom dia" ou "boa tarde" Soa bem aos ouvidos. Passam idosos de bengala, Cadeirantes, crianças correndo, Criancinhas no colo. Parecem felizes... "Vim do Rio, de Copacabana" nos diz o dono da banca, Carlos Valença. "mudei para Brasília, resolvi Imaginar este evento dos sábados." Pois este lugar prazeroso,

Um chegar, fofar a terra

Cheio de luz, é Brasília, capital

Do Brasil.

"Trouxemos a Roda de Choro

Do Parque da Cidade para a banca Copacabana."

Brasília não é somente política,

Políticos, decisões judiciais, lugar de conflitos...

Brasília está banhada de luz,

Foi abençoada por dom Bosco, criada por um presidente vindo de Minas Gerais, com coragem e idealismo.

Juscelino Kubitscheck era alegre, dançava, gostava de arte, incentivava os artistas.

Sentada num banquinho na barraca de jornal, eu fui me lembrando da história de Brasília, muito ligada ao construtivismo que se propagou pelo Brasil na época.

Juscelino quando criou Brasília realizou um sonho, acho que realmente ele foi o melhor presidente que tivemos.

Hoje, estamos aqui sentados, ouvindo música, jovens, idosos, crianças, até recém-nascidos estão participando. Chegou um rapaz com uma gaita e entrou na música. Outros, como eu, sentamo-nos em banquinhos e tomamos água de coco. Este é o outro lado de Brasília que pudemos apreciar numa manhã de sol. Hoje Brasília completa 58 anos. Parabéns!

24 de abril de 2018

#### **ENCONTROS EM BRASÍLIA**



Fotos de Maurício Andrés e Marília Andrés

Continuando a rota dos sonhos em Brasília, comecei o dia descendo até o Pilotis da 208 Sul, onde estou hospedada, para colher verduras frescas na horta suspensa.

Toda dona de casa que mora em apartamento sonha com uma horta perto de casa e a horta

ali está à disposição de todos. Isto não é um sonho de conforto? Horta orgânica perto de nós e inteiramente grátis!

À tarde visitamos um casal que tem um sítio perto de Brasília. Moram em casa de adobe, com horta orgânica, longe da cidade. Giorgio e Veronique são estrangeiros, ele italiano, ela francesa. O Brasil foi a terra escolhida para realizarem este sonho que hoje está se concretizando.

Ali eles administram workshops de Yoga, Terapias Holísticas, além de oferecer o espaço para outros grupos atuantes.

Giorgio é doutor, professor universitário e ofereceu, juntamente com meu filho Maurício, um ciclo de estudos sobre a grande transição pela qual passa o mundo hoje, iluminada pela visão de Sri Aurobindo.

É interessante observar que algumas pessoas realizam seu sonho saindo do Brasil, se transferindo para outros países, em especial a Europa. E alguns europeus sentem-se muito felizes vindo morar no Brasil.

São bem recebidos, têm mais espaço, podem viver uma vida tranquila...

Aos sábados, na 208 Sul, uma iniciativa promovida pelo dono de uma banca de jornal agrega um chorinho onde todos podem participar. As pessoas cantam, dançam, tocam instrumentos variados, violão, pandeiro, gaita, chocalho...

Aquele que não tem instrumentos marca o compasso com as mãos.

A gente sai de lá alegre, descontraído...

A arte realmente une as pessoas.

17 de fevereiro de 2020

#### INCONFIDÊNCIA ECOLÓGICA





Fotos: Euler Andrés e Maurício Andrés

Por ocasião da inauguração do "Caminho das artes" no Jardim Canadá, compareceram artistas e autoridades. Vieram dois ônibus de Belo Horizonte e muita gente entusiasmada com a iniciativa. Percorremos várias escolas de arte.

Em cada lugar, o povo se aglomerava para ver o que estava acontecendo e as professoras explicavam para os visitantes os trabalhos ali realizados.

Como convidada especial, eu teria de me levantar e contar o histórico da minha chegada ao Retiro das Pedras, há 35 anos atrás, quando o Jardim Canadá era um povoado de barracos desabitados. O bairro cresceu, abriram-se restaurantes e casas de festas e agora sob a aprovação dos políticos, um circuito de artes promete se estender até Inhotim, passando por residências de artistas, galerias de arte, escolas de dança, artesanato e circo.

Em cada escola, fizemos uma parada e um discurso. Na escola de circo Armatrux, houve um discurso do secretário de cultura. Paulo Brant: "Nós, políticos, temos o cuidado de escutar os artistas. Nossa missão é escutar e executar as boas ideias que os artistas nos trazem."

Eu estava distraída, vendo dois malabaristas andando numa corda; só consegui escutar o final do discurso, mas, assim mesmo, ganhei um microfone para responder e tive que responder no susto, numa espécie de jogral improvisado. "Realmente", respondi, "você tem razão".

Esta região foi palco no passado da Inconfidência Mineira e teve a sua ação política cercada de artistas, poetas, escultores e arquitetos. "

"A minha sugestão é de fazermos uma nova inconfidência, desta vez uma Inconfidência ecológica. Os artistas poderiam se unir para defesa da natureza, defesa dos rios, das matas, das espécies nativas."

A natureza está-se esgotando e no futuro nossos netos e bisnetos não terão água para beber. Cabe aos artistas sugerirem, promover instalações, músicas, poesias. Há 30 anos o artista Manfredo Souzanneto lançou um adesivo "Olhe bem as montanhas"; Carlos Drummond de Andrade escreveu o poema "Triste Horizonte". Foram advertências incisivas, justamente porque nasceram no coração de artistas.

6 de fevereiro de 2010

#### **MÚSICA PARA AS MONTANHAS**





Fotos: Hanna Lansky e Ana Valadares

No dia 6 de fevereiro de 2010, postei no meu blog um artigo propondo que artistas assumissem a responsabilidade de atuar na defesa da natureza. Os artistas atuariam nos diversos setores das artes, promovendo a conscientização de que nossas montanhas estão sendo sacrificadas e os rios e riachos desaparecendo.

As artes têm o poder de comunicação que atinge as pessoas pela sensibilidade. Isto é fundamental para uma tomada de consciência e talvez uma transformação.

Naquele artigo eu sugeri que se fizesse em terras mineiras uma nova inconfidência, a Inconfidência Ecológica. Esse apelo ecológico, que surgiu na década de 70 com o poema "Triste Horizonte" do grande poeta Carlos Drummond de Andrade e os adesivos "Olhe bem para as montanhas" do artista plástico Manfredo de Souzanetto, está crescendo cada vez mais.

Novas ideias surgem espontaneamente, movidas por um apelo cósmico. Recentemente, um grupo de músicos e o apoio do grupo "Amaserra", apresentou no Grande Teatro do Palácio das Artes, no dia 3 de maio, uma noite musical denominada "Música para as Montanhas", que está fortalecendo o movimento em favor da proteção da Serra da Calçada.

As artes - música, dança, teatro e poesia - por terem uma linguagem direta e de fácil assimilação pelas pessoas, sempre foram utilizadas para a educação e conscientização ambiental. Na cultura, são inúmeros os exemplos onde o artista coloca sua voz, criatividade e poder de comunicação a serviço do meio ambiente, da paz, de causas sociais generosas - voltadas para o bemestar social.

De acordo com o depoimento da curadora artista Maria Bragança, além dela "ali estiveram os artistas mineiros Flávio Venturini, Túlio Mourão, Flávio Henrique, Kadu Viana, Mariana Nunes, Titane, Djalma Correa e Lucas Avelar, além da fotógrafa Ilana Lansky e do artista plástico Mário Vale.

Na abertura do show houve uma participação especial do percussionista Djalma Corrêa junto ao grupo Sorriso Negro, formado por percussionistas, cantores e bailarinos quilombolas do

Quilombo Sapé, da região do entorno da Serra da Calçada.

A partir daí, surgiu a ideia de realizar, no Palácio das Artes, esse encontro com os artistas para fazerem um show que foi um pedido de socorro em busca da proteção para a Serra da Calçada. Também no palco o último instrumento elaborado pelo músico e compositor Marco Antônio Guimarães.

MÚSICA PARA AS MONTANHAS é um projeto que deseja sensibilizar o governo e mobilizar as pessoas para a importância da transformação da Serra da Calçada em uma unidade de conservação, além de divulgar a relevância histórica e natural da área. O projeto pretende realizar duas edições por ano, reunindo artistas de grande expressividade em prol da proteção de áreas relevantes para a saúde ambiental do planeta. "

29 de maio de 2010

#### DOMINGO DE PÁSCOA NO RETIRO







Fotos: Marília e Maurício Andrés

Um dos recantos mais bonitos do Condomínio Retiro das Pedras é o caminho que conduz à capela. Ali, costumo fazer minhas caminhadas. Enquanto ando, vou também percebendo a paisagem das montanhas se estendendo a perder de vista. As pedras parecem esculturas rebuscadas, buriladas pelos ventos. Existem há milênios e nos contam histórias de um passado longínquo, de índios guerreiros e animais silvestres. A Serra da Calçada está sendo considerada patrimônio da UNESCO, com animais e plantas raras, algumas ainda não estudadas pelos pesquisadores. Nesse ambiente de paz e poesia sentimos profundamente a nossa unidade com a natureza. Ali foi realizada uma comemoração coletiva da comunidade no domingo de Páscoa. As cidades históricas de Minas

têm a tradição de, durante os festejos da Semana Santa reunir a população para a realização de um trabalho coletivo de Artechão.

Aqui, no Retiro das Pedras, seguindo a tradição mineira, jovens, adultos e crianças participaram voluntariamente da criação de um grande tapete confeccionado com serragem colorida, por onde passaria o círio pascal. Todo o processo criativo foi acompanhado por música, unindo a energia dos sons às cores daquela "Artechão". Essa primeira iniciativa da nova gestão, foi impulsionada por um entusiasmo que vem trazer luz para este espaço abençoado. Entusiasmo significa "Deus dentro" e temos certeza de que foi conduzida por uma forte energia espiritual.

13 de abril de 2009

### PIETÁ NAS MONTANHAS











Fotos de Ivana Andrés e Maria Helena Andrés

Caminho pelas montanhas

Vendo esculturas

De pedra

Modeladas

Pelo tempo

Por ventos

**Bravios** 

De antigamente.

As pedras nos

Falam de

Cenas bíblicas.

Vejo os três reis

Magos

Caminhando

Por atalhos

Em busca

Daquela estrela.

Vejo imensa Pietá

Bem no alto

Da montanha.

Os pés

De Cristo

Estão ali

Nascem flores

Ao redor.

Quanto tempo

Foi preciso

Para esculpir

Esta cena?

Paro para

Fotografar

E registrar

O que ainda

Não foi visto.

Jesus morre A cada dia Nas montanhas De Minas Gerais.

19 de dezembro de 2017

#### **AS PEDRAS DO RETIRO**

As pedras do Retiro são verdadeiros sinais. Elas nos mostram cenas bíblicas. A via sacra, a paixão de Cristo, os três reis Magos e a imagem de Nossa Senhora, que eu denominei Nossa Senhora da Pedra, protetora dos indígenas e das montanhas. Isto pelo fato de encontrá-la durante uma cerimônia que fizemos em homenagem aos primeiros habitantes do Brasil, especificamente os nossos indígenas guerreiros.

Fui convidada a comparecer e participei da cerimônia comandada por Magui, uma vizinha que esteve várias vezes numa reserva indígena nos Estados Unidos. Os indígenas, de um modo geral, são os grandes preservadores da natureza. Estão muito mais ligados ao conhecimento dos rios, das florestas, dos animais, dos astros do que nós que vivemos nas grandes cidades.

Segundo o depoimento do Chefe Seattle, de uma reserva indígena americana, "cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e na experiência do meu povo"

E foi durante aquela cerimônia no Retiro que a Nossa Senhora da Pedra apareceu. Trouxe-a para o meu jardim, para que possamos ter acesso a ela.

Os pés do Cristo, simbolizando a Pietá, estão no alto da montanha, bem junto à capela do Retiro, uma capela ecumênica, onde várias religiões podem celebrar seus cultos.

Ao longo da pequena estrada de pedra, outras imagens vão surgindo. Com os recursos limitados da câmera de um celular, vou fazendo o que posso para dar testemunho desses sinais esculpidos pelo tempo.

Vejo os três reis magos, uma multidão acompanhando, um anfiteatro com pessoas escutando uma pregação. Tudo isto a gente pode ver e fotografar numa simples caminhada pelas montanhas de Minas.

As pedras falam, nos dizem muito sobre um passado remoto, muito antes de existirmos. As cenas bíblicas estão esculpidas nas pedras do Retiro, enquanto o sol vai descendo devagar ao longe,

## TRANSGRESSÃO











Fotos de Marília Andrés

Os jardins são um convite a volta à natureza e a reflexão sobre a flora brasileira.

Aqui no condomínio Retiro das Pedras as flores nascem, muitas vezes sem serem plantadas. Nascem por entre as pedras da rua ou à beira das calçadas. Há também jardins cultivados por mãos humanas, bem tratados pelos jardineiros.

Hoje, sai de manhã para dar uma volta na redondeza, juntamente com minha filha Marília. Eu ia descobrindo as flores e ela fotografando.

- Olha aqui está flor rebelde, atravessou as grades do jardim para ver a rua.
- Olha esta outra, nascendo à beira da calçada.
- "São as flores transgressoras, elas não se conformam com a prisão", me disse Marília.

Realmente, no momento, estamos presos, cada um em sua casa, por causa da epidemia corona vírus que assola o mundo inteiro. Ninguém pode pular a cerca para andar na rua.

Pela TV pude ver os transgressores, pessoas caminhando na Praça da Liberdade, na orla da lagoa da Pampulha ou nadando nas praias do Nordeste.

Mas, há sempre um guarda para advertir.

### -Fique em casa!

Neste momento o que está em jogo é a nossa sobrevivência e a de nossos filhos e descendentes no planeta.

Vale a pena transgredir e atuar contra eles?

Isole-se em casa, deixe festas, reuniões, exposições, aniversários e casamentos e não será esmagado pela epidemia.

No jardim, em frente, as flores estão vivas, mas ninguém viu o momento em que a flor transgressora, foi arrancada e jogada fora pelo transeunte distraído.

13 de abril de 2020

### **CONVERSANDO COM OS PÁSSAROS**











Fotos de Marília Andrés, Maria Helena Andrés e da Internet

Como não posso sair de casa, resolvi dialogar com os meus amigos que gostam de cantar.

Janela aberta

Para entrar o sol

Escuto o canto

Dos pássaros

Lá fora tudo é festa

Eles não escutam

A TV anunciando

Dias tenebrosos

São livres

Voam para onde querem	
Aprendem a voar	
Desde que nascem	
Eles nos ensinam	
A viver	
Descer à terra	
Buscar alimento	
E depois	
Levantar voo	
"Gracias a la vida"	
Quando abro a porta	
Eles cantam	
E eu tento repetir	
O seu canto	
De liberdade	
	Domingo, 19 de abril de 2020
CAMINHANTE	











Fotos de Marília Andrés

Desço do carro até a passarela dos caminhantes. Lá em **Entre Rios** O povo sai de casa para andar na natureza. Agui no Retiro o lugar de caminhar é a beira do precipício protegido por uma grade de madeira. Caminhamos à tarde quando o sol se põe e pela manhã quando o sol se eleva acima da terra. Os moradores escolheram este lugar privilegiado e daqui admiram o panorama. Montanhas curvas com formas de mulher rodeadas por pedreiras em forma masculina.

Há sempre este encontro na natureza e na vida. Feminino-masculino. Os opostos se atraem e se completam. Yin e Yang Ao longo do tempo e do espaço.

18 de maio de 2020

## **PIERRE WEIL**

Hoje vou tentar fazer um breve registro da passagem de Pierre Weil pelo Retiro das Pedras,

como condômino, membro da diretoria e presidente deste espaço abençoado.

Pierre, sempre ligado às belezas naturais, andava todas as manhãs pelas ruas do condomínio. Morava na rua logo abaixo da minha e às vezes trocávamos ideias sobre arte e espiritualidade. Seu pensamento holístico, que mais tarde veio a se concretizar em Brasília, começou a se manifestar aqui no Retiro.

Devo a ele um prefácio muito bonito para o meu livro "Os Caminhos da Arte", que eu acabara de escrever. Minha trajetória artística já começava a se delinear com muita nitidez. Uma outra trajetória, humanística, com abertura para novas pesquisas no campo das religiões comparadas e a Índia, me parecia a direção mais certa.

Naquela época, tive o apoio e o incentivo do Pierre, que já se preparava para largar as montanhas, onde teve uma colaboração ligada às artes e à educação, organizando peças teatrais para crianças, com a ajuda de Zezé e Ronei, artistas do Retiro que tinham acabado de construir um teatro.

Para homenagear Pierre, escolhemos a "Praça do Sol", criada durante sua gestão e ali, no gramado verde, plantamos uma árvore.

A árvore não pode permanecer por muito tempo, uma criança, passando de bicicleta a derrubou. Plantamos outra árvore. Pierre veio a se radicarem Brasília. Inaugurou a Universidade da Paz e me deu incentivo para participar de um concurso, como professora de arte desta Universidade em Brasília. Aceitei a iniciativa e caminhei nesta direção.

Mais tarde, a experiência gerou uma série de workshops na Cidade da Paz. Tudo isto, devo ao incentivo de Pierre. Agora, olhando este céu muito azul do Retiro das Pedras, vou relembrando o quanto o Retiro deve a este líder espiritual que foi Pierre Weil.

Passo agora a palavra ao Maurício Andrés Ribeiro, meu filho, para falar sobre a atuação de Pierre Weil em Brasília.

"A UNIPAZ – Universidade Holística Internacional de Brasília – foi criada no Brasil em 1987 e abriu suas atividades em 1988 e desde então expandiu-se por diversas cidades brasileiras e no exterior. Pierre Weil formulou a teoria fundamental da Unipaz. A educação para a paz ali proposta contempla a paz social, a paz com a natureza e a paz consigo mesmo. Convidado pelo governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, mudou-se para Brasília em 1987, fundou a UNIPAZ e ali viveu até 2008.

Pierre propôs como o objetivo principal da Unipaz, incentivar o encontro entre as tradições

espirituais milenares e os organismos de pesquisa da paz e promover programas de educação integral para a paz, o que abrange o corpo, as emoções, a mente e o espírito. Na teoria fundamental da UNIPAZ, expunha de forma didática os conhecimentos sobre a ecologia interior, a consciência pessoal e a paz consigo mesmo. Ele desvendou mecanismos subjetivos e psicológicos e elaborou um método para se alcançar a paz com a natureza e a social, a partir da paz consigo mesmo.

Pierre levava a sério o tema da transcomunicação, ou seja, a comunicação com seres que habitam em outros planos da existência. Ele escreveu: "Parece-me que uma mudança de perspectiva está se operando em mim.... Aliás, eu sou um espírito que mora provisoriamente neste corpo. Um corpo cansado, gordo, pesado, com a vista enfraquecida e coberta por uma névoa cada vez mais espessa." Pierre se refere ao glaucoma que praticamente o cegou no final da vida.

A Entrega, título de seu último livro biográfico, é uma proposta presente nas antigas tradições indianas: render-se (to surrender) à vontade divina e deixar-se levar na vida a partir dessa força ou energia, do self universal e não do ego individual, procurando não se mover a partir de seus desejos e vontades pessoais." (Maurício Andrés Ribeiro)

24 de abril de 2021

## PIERRE WEIL E O RETIRO DAS PEDRAS











Fotos de Maria Helena Andrés

"Era uma vez um cidadão de Estrasburgo que, cansado das guerras entre Alemanha e França, resolveu migrar para o Brasil. Foi em meados do século XIX. Passou por lá uma banda de música brasileira, ele ficou fascinado e resolveu emigrar. A história de meu bisavô, Luiz Andrés, tem alguma semelhança com a de Pierre Weil." (Trecho de depoimento de Maurício Andrés sobre Pierre Weil)

Pierre também nasceu na mesma cidade situada na Alsácia e emigrou para o Brasil motivado pela II Grande Guerra.

Numa fria manhã de outubro, domingo dedicado a São Francisco de Assis, foi celebrada uma missa na capela do Condomínio Retiro das Pedras, em homenagem a Pierre Weil, antigo morador e ex-presidente do Condomínio.

Nada melhor para apresentá-lo às pessoas que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente do que esta frase de São Francisco:" Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz."

A oração, de certo modo, retrata o que foi Pierre em seus últimos anos de vida.

"Onde houver ódio, que eu leve o amor, onde houver tristeza que eu leve a alegria"

Pierre residiu por muitos anos no Retiro das Pedras. Caminhava todos os dias vestido com sua característica túnica indiana e aqui, neste ambiente de beleza natural no alto das montanhas, ele teve a oportunidade de dar continuidade à sua missão de pensador e místico holístico. Aqui no Retiro a Universidade da Paz foi idealizada. Sua proposta, anteriormente destinada à uma comunidade espiritualista nas montanhas, extrapolou Minas Gerais para se expandir em Brasília, capital do país. Ali obteve do então governador José Aparecido de Oliveira o apoio necessário para a criação de uma Universidade Holística Internacional, buscando a integração de todas as tradições religiosas e o encontro entre Arte, Ciência, Religião, Filosofia, Psicologia e Ecologia.

Por ocasião da fundação da Universidade da Paz, Pierre reuniu professores de diversas áreas. Teríamos de prestar concurso incluindo prova escrita, apresentação de currículo e defesa de tese. Apresentei como tese o livro "Os Caminhos da Arte", de conteúdo holístico. Pierre escreveu o prefácio desse livro, editado pela editora Vozes e recentemente reeditado pela editora C/ARTE.

Em Brasília participei como professora de vários workshops holísticos. Os workshops da UNIPAZ e o programa de Formação Holística de Base, com o apoio da Unesco, se estenderam por todo o Brasil e existem representantes deles em várias cidades da América Latina. O objetivo principal é a quebra da separatividade e a consciência de que todos somos irmãos, vivemos no mesmo planeta e respiramos o mesmo ar.

Por suas ideias Pierre Weil foi admirado e respeitado internacionalmente.

A missão de Pierre nesta vida foi sempre uma missão de paz, procurando harmonizar os conflitos e aceitando as adversidades com uma coragem extraordinária.

Pierre terminou seus dias cego, e mesmo assim continuou administrando workshops pelo Brasil. Reunia grupos e os sensibilizava para a percepção de outros aspectos sensoriais – do toque das mãos, do despertar do ouvido, do perfume das frutas e flores.

Pierre será sempre lembrado por esses aspectos positivos de sua pessoa. Ele abandonou seu país em guerra para procurar no Brasil incessantemente os caminhos da paz.

Após a missa fomos até a Praça do Sol e ali plantamos uma árvore, em homenagem a Pierre Weil. Naquela ocasião falamos: "Aqui estamos para agradecer pelos benefícios que transmitiu a todos nós."

25 de abril de 2016

## SERRA DA CALÇADA, UMA MONTANHA SAGRADA





Fotos: Euler Andrés

Reunimos no alto de uma das montanhas que cercam o Condomínio Retiro das Pedras, perto de Belo Horizonte, para uma celebração vespertina em homenagem aos chefes indígenas que ali viveram, antes da chegada dos portugueses.

Dizem que esta terra é sagrada.

Nesta região acham-se enterrados muitos chefes indígenas que homenageavam a mãe terra. Cada pedra desta montanha manifesta a energia espiritual dos seus antigos habitantes.

Os chefes da tribo eram mágicos, faziam curas milagrosas e tinham contatos com outras esferas. Sentimos a sua presença no momento em que participávamos da celebração. Os "Shamans" ali estavam para proteger a nossa montanha sagrada. Ao som de tambores, chocalhos e flautas, nossa homenagem ecoava pelo vale. Naquele momento éramos mensageiros do passado e arautos do futuro.

Em torno do fogo colocamos pedras da região. No terreno escorregadio as pedras pareciam desenhadas por mãos de artistas.

Fiquei em frente a uma delas, cor de rosa, onde se esboçava nitidamente a figura de uma mulher grávida. A mulher grávida representando a grande mãe terra, ali estava presente numa pedra encontrada por acaso, doando sua energia para a preservação das montanhas. Lugares sagrados são importantes e existem em várias regiões da terra. Uma montanha é considerada sagrada quando aconteceu no passado uma revelação divina ou a transmissão de um conhecimento.

Cantávamos mantras. Uma paz foi descendo sobre nós e a certeza de que o sagrado de nossas montanhas seria respeitado.

No momento, as civilizações indígenas continuam a nos proporcionar lições de vida.

Elas sofreram invasões e uma aparente destruição, mas a força de sua ligação profunda com a natureza e com o universo persiste até hoje, abrindo a consciência de quantos se aproximam de seus ensinamentos.

13 de outubro de 2009

# A DESTRUIÇÃO DE MINAS GERAIS



\*Fotos da internet

Segue abaixo o meu protesto sobre a destruição do estado de Minas Gerais.

### LAMA E LARVA

No passado, o vulcão Etna Petrificou a cidade de Pompeia, na Itália Com seu banho de larvas incandescentes.

Hoje, em Brumadinho,

Um banho de rejeitos de ferro

Encobre e mata todo ser vivo

Que encontra pela frente.

A lama engole o povo

Casas, parques, plantações

Vacas, árvores arrastadas

Pela avalanche.

Bestas apocalípticas

Vão engolindo tudo

E o vermelho da morte

Desce as encostas.

Cenas aterradoras, dramáticas

Um filme de terror.

A quem atribuir a culpa?

Vale a pena tanta ganância?

Vale a pena o lucro material

Para satisfazer o consumo?

Vale a pena destruir paisagens,

Matar rios, riachos, sufocar os peixes?

Vale a pena o sacrifício dos inocentes

Em benefício de poucos?

Vale a pena este genocídio?

A resposta não chegará tão cedo

Porque tudo é lama!

### A LAMA E A LUA

Nosso grito vem de longe

Dos primeiros habitantes,

Da busca das esmeraldas,

Dos diamantes e do ouro.

Quantos morreram em Minas

Pela ganância de outros?

Hoje, na era do ferro

Vivemos o Apocalipse.

Máquinas destruidoras

Sobem montanhas

E vão engolindo tudo

Que encontram pelo caminho.

A terra se transforma

Em paisagem lunar.

Será que a superfície da lua

Algum dia foi também

Destruída pelas máquinas?

25 de fevereiro de 2019

# **NÃO ESQUEÇAM MARIANA**





\*Fotos de arquivo

Não esqueçam Mariana! As perdas humanas E as perdas ecológicas A paisagem tranquila Que desapareceu Tragada pelas Dragas insensíveis Dragões do apocalipse Engolindo vidas.

Não esqueçam Mariana! É o nome da propaganda Que mereceu um Premio nacional. Manuel Rolim e equipe Levantaram o grito De alerta.

Olhe bem as montanhas
Nos disse um dia
Manfredo Souza Neto.
Olhe bem as montanhas
Ressoou na música
Alexandre Andrés.
"Triste horizonte"
Nos disse um dia
Carlos Drummond de Andrade.

As vozes em conjunto Orquestram a música Do levante, da arte Liderando este protesto Coletivo e que Se perpetua no tempo.

Jovens do mundo inteiro Se levantam acusando A insensibilidade dos Mais velhos.

Não esqueçam Mariana! Continua ressoando Pelas montanhas Descendo as encostas Povoando os rios de Minas Gerais.

Mariana e Bento Rodrigues Não ficarão esquecidas Porque estão sempre Lembradas no grito Desses jovens guerreiros Que estão levantando A bandeira ecológica Acima de todos os projetos. Não esqueçam Mariana...

Manuel Rolim
E sua equipe
Abriram fronteiras
E serão ouvidos.

30 de setembro de 2019

## **QUEIMADAS NO RETIRO DAS PEDRAS**







Fotos: internet

Na última semana de setembro, os moradores do Retiro das Pedras participaram de um espetáculo dantesco. Viram o fogo das queimadas subindo pelo morro, a fumaça perturbando a

visão, o vento soprando forte e a falta de recursos para impedir a circulação rápida das labaredas. Foi o pior incêndio que o Retiro das Pedras sofreu, desde que ali fixei minha residência há 35 anos. Já presenciei outros incêndios com o povo se unindo para ajudar.

A solidariedade humana se manifesta com mais clareza nas horas em que a vida pressiona.

E foi justamente a solidariedade reunindo pessoas de diferentes idades e classes sociais, que impediu um desastre maior. As chamas alcançaram 3 metros de altura, queimando árvores, animais e toda a vegetação rasteira. Agradecemos às brigadas de incêndio que atuaram com heroísmo e aos condôminos que se prontificaram a defender as residências da orla, abrindo um aceiro em torno do condomínio. No dia seguinte recebi pela internet algumas fotos da queimada e me lembrei de um quadro meu da fase de guerra, datado de 1969, muito semelhante a esta destruição pelo fogo que estamos presenciando no momento.

Na realidade assistimos a uma guerra contra animais e plantas, uma destruição em massa de todas as formas de vida da região. Os animais rasteiros, alucinados pelo calor, buscavam salvação nos lugares mais seguros. Havia cobras perdidas na Praça do Sol e pássaros assustados nas árvores das residências. A paisagem se cobriu de cinzas e os moradores se uniram para providenciar medidas mais seguras.

O fogo devastou 1 milhão de metros quadrados de vegetação. Fortes ventos e topografia íngreme contribuíram para o avanço das chamas em várias direções. No Brasil assistimos todos os anos, queimadas acontecendo na época da seca, assim como inundações na época das chuvas.

Em Brasília uma grande área de preservação foi totalmente destruída pelo fogo, sem possibilidade de recuperação de documentos e estudos. Em Betim, próximo a BH, o fogo destruiu também grande parte de uma área de preservação matando plantas e animais.

Este é o grande tributo que estamos pagando pelos erros que nós mesmos praticamos no decorrer de muitos anos.

8 de outubro de 2011

## MINAS, TERRA DE MUITAS CORES







Fotos: Euler Andrés

Os cortes nas montanhas vão desvendando uma grande tapeçaria de cores variadas, do vermelho ao laranja, do amarelo ao roxo, ao branco, ao cinza, ao preto. Paramos o carro para tirar fotos. O verde da vegetação rasteira encobre como um manto protetor as riquezas de Minas.

Os antigos pintavam com cores naturais. Vários artistas se entusiasmaram com nossos pigmentos naturais e aqui estiveram deslumbrados com o colorido das terras. Krajcberg e Scliar usaram diretamente a terra para realizarem os seus quadros. Devemos a eles a divulgação desse caminho esquecido, por causa da facilidade que os artistas têm de comprar tintas prontas no mercado.

A técnica é simples: apanhar a terra, colocar em baldes, passar um rolo para amaciar os torrões e peneirar, para obter um pó mais fino, livre de impurezas. Depois, separar em recipientes diversos, cobrir com água e deixar decantando por 24 horas. As impurezas sobem para a superfície e o pigmento colorido fica depositado no fundo. No dia seguinte o pigmento já estará pronto para

ser usado com qualquer aglutinante. Scliar usava a cola "cascorez" com resultados de grande transparência e beleza. As cores de terra são indeléveis, não queimam ao sol. Podem até serem usadas em fachadas de casa.

Neste momento estou participando das celebrações de um casamento na roça. A família da noiva é italiana, da região de Toscana, o noivo é mineiro. Agora estou sentada em frente à casa da fazenda, contemplando a paisagem verde em contraste com a fachada da casa pintada com tinta de terra vermelha colhida nos barrancos. Verde e vermelho são cores complementares, um ajuda a dar vida ao outro. Casamentos na roça estão se tornando uma tradição da família, pois os pais do noivo também se casaram na roça há 30 anos atrás.

Escuto a voz do pai da noiva: "Esta região de Minas se assemelha à região de Toscana, na Itália". Ali também as festas de casamento são muitas vezes realizadas ao ar livre. Fico pensando: "Minas, terra de muitas cores, desde o subsolo até os céus..." Guignard gostava dos céus de Minas, Scliar e Krajcberg valorizaram a terra...

Guignard viveu em Florença, região de Toscana, na Itália, e também se encantou com Ouro Preto, cidade parecida com Florença. "

Florença me faz lembrar Miguel Ângelo, que passou sua juventude naquela cidade considerada terra das artes. Meu pensamento volta para Minas onde Aleijadinho considerado também como um dos grandes gênios da humanidade possuía a mesma força energética de Miguel Ângelo. O Aleijadinho viveu em Minas, deixando obras monumentais em várias cidades mineiras. Deve existir uma relação energética entre os países com terras que se assemelham. Miguel Ângelo, pai do barroco, Aleijadinho, expoente máximo do nosso barroco têm características formais semelhantes.

Agora, enquanto contemplo a paisagem e escuto os músicos tocando, "As time goes by" vou associando memórias e fatos.

21 de junho de 2010

## REFLEXÕES JUNTO À SERRA DO CURRAL





Fotos: Maurício Andrés

Neste lugar aprazível, junto a Serra do Curral, os idosos andam devagar, os jovens correm. Em minha frente uma jovem faz alongamento nas árvores, esticando o corpo, depois se deita no chão sobre um tapete para fazer ginástica. Junto a ela, um personal training dá as instruções. Uma senhora ainda jovem se acerca do banco onde estou sentada puxando conversa. Conduz uma cachorrinha vestida com uma roupinha de tricô cor de rosa e um lacinho na cabeça. Os olhinhos miúdos da cachorra observam tudo o que se passa. Ela celebra o ar puro e a liberdade correndo e fazendo travessuras. Agora escuto a moça: "Estou aqui com esta netinha enquanto meu marido corre." Olhei espantada, pois a netinha era a cadelinha e pensei comigo mesma: "Como essas duas espécies se amam!"

Lembrei-me de um amigo que levava o cachorro para ouvir música. O cãozinho escutava atento, com as orelhas em pé. Depois da morte do bichinho, meu amigo escreveu versos em sua homenagem em várias línguas e os declamava emocionado debaixo da árvore onde enterrara o animal.

Voltando ao "aqui e agora" escuto a moça me falar de sua vida, de seus filhos já crescidos morando longe e do marido que adora correr. Enquanto isso a cachorrinha corre e se diverte à sombra das árvores.

A Serra do Curral vai também me contando histórias de antigamente, dos meus tempos de

criança. Quando menina eu via esta Serra como se fosse a muralha da China, protegendo a cidade contra os invasores. Ela me parecia inatingível, com sua cor de ferrugem, como aqueles fogões à lenha de antigamente, brilhando como fogo incandescente ao pôr do sol. Eu não sabia qual brilhava mais, se o céu ou a Serra.

Uma noite, enquanto eu estudava, acompanhada por meus irmãos, numa grande mesa na sala de jantar em nossa casa na Avenida Afonso Pena, ouvimos um estrondo e sentimos a terra tremer sob os nossos pés. As paredes racharam e os vidros das janelas se estilhaçaram ameaçadoramente. Largamos tudo e fomos para a rua. Seria um terremoto em BH? Os bombeiros subiam a Avenida Afonso Pena, apitando e o povo na rua nos avisou: "É o depósito de munição localizado na Serra do Curral".

Hoje, como naquele dia assustador, nos condomínios situados nos arredores de BH, as paredes racham e os vidros quebram com as explosões das mineradoras.

Sentada em frente à montanha fico pensando que existem muitas montanhas sagradas em várias regiões do planeta. Naturalmente, esta Serra, por sua beleza e imponência, devia ser uma delas.

Lembro-me de Arunachala, na Índia, dos Andes e dos Himalaias. Os antigos ali celebravam o Sagrado que existe na natureza. Nos tempos modernos, em nome do progresso, a natureza está sendo sacrificada.

Recuando no tempo, me vejo fazendo pic-nic num lugar que se chamava "Acaba Mundo", situado à beira da Serra do Curral. Hoje eu me pergunto: "Acabou o Acaba Mundo"? Aos poucos a cidade vai tomando conta de tudo, apagando nossas lembranças e sepultando nosso passado nos alicerces dos espigões.

13 de agosto de 2010

#### **VISITA A INHOTIM**





Fotos: Maurício Andrés Ribeiro

Um carrinho aberto conduzia as pessoas para uma visita ao parque de Inhotim. Os jardins planejados inicialmente por Roberto Burle Marx iam mostrando a beleza e exuberância da flora brasileira. Sentada no banco de frente do carro observava os patos nadando no lago e formando círculos nas águas.

A arte contemporânea de Inhotim não está fechada no ambiente frio de um museu tradicional. Ela pertence a todo o espaço ajardinado, surpreendendo o visitante com o inesperado.

Cheguei sozinha e me deram como guia uma mocinha que me acompanhou a pé até a instalação de Rivane Neuenschwander. Pelo caminho me ofereceu algumas jabuticabas apanhadas na hora. Esta recepção descontraída logo me pôs à vontade para percorrer as alamedas do parque.

Rivane instalou sua proposta numa pequena casa de fazenda de 1874, a mais antiga construção remanescente da propriedade rural que deu origem a Inhotim. A casa foi restaurada para ser palco de uma instalação bastante original: pequenas bolas de isopor moviam-se aleatoriamente sobre um forro transparente, ativadas por circuladores de ar, formando nuvens no céu.

Lembrei-me de Guignard que nos mandava observar os movimentos das nuvens no céu.

Na instalação de Valeska Soares a música e a dança criavam um espaço de sonho. As figuras apareciam e desapareciam em um ritmo poético. Nessa dança virtual o visitante fazia parte do evento, ele se via nos espelhos e percorria a pista do cassino ali projetada como palco. Sentia-se jovem e dançarino, recuando no tempo em que as moças dançavam nas boates com as saias rodadas

e os rapazes de terno branco. Ouvia-se uma música dos anos dourados, que ali foram relembrados, revividos e perpetuados. Valeska nos conduzia ao passado e nos fazia retornar ao presente num ciclo de grande beleza e poesia. A instalação de Valeska foi projetada para o Museu de Arte da Pampulha, mas ganhou em Inhotim um espaço maior, participante e envolvente.

O carro já nos esperava para uma nova viagem. Penetramos em uma trilha dentro da Mata Atlântica, podendo respirar o cheio da vegetação, o zumbido dos insetos e observar o entrelaçado do cipó abraçando as árvores. O percurso dentro da mata já nos permitia entrar em comunhão com a natureza.

Ali, foi construído um galpão onde ouvimos a música instrumental conjugada com vozes femininas e masculinas. Sentamo-nos para apreciar a estranha música intitulada "Revoada de corvos", e por alguns momentos ali ficamos, dentro daquela atmosfera mágica onde os sons da natureza formavam uma orquestra. Os dois artistas Janet Cardiff e George Bures Miller têm uma presença muito forte em Inhotim e sensibilizam o visitante para um voo espacial com esta revoada de pássaros. O despertar sensorial nos fez sentir melhor a Mata na viagem de volta.

Finalmente, Chris Burden com suas esculturas de barras de ferro, construídas no sistema de improvisação, proporcionavam um impacto para o visitante. Ali, ele podia penetrar na instalação, tocar com as mãos o ferro, sentir sua aspereza. As barras foram jogadas ao acaso, através de guindastes, sem projetos premeditados, e foram fixadas no chão de cimento fresco, formando uma floresta de ferro. O processo de criação dessas esculturas nos fazia lembrar os pintores da Action Painting.

Inhotim é uma joia da arte contemporânea. Parabéns a Bernardo Paz por essa iniciativa de abrir ao público seus jardins e seu acervo. A arte contemporânea precisa de espaço, e ali, no meio de plantas e árvores frondosas, ela está recebendo generosamente o aconchego necessário para sua realização.

26 de outubro de 2009

#### AS FLORES DE BELO HORIZONTE







Fotos: Maria Helena Andrés

Belo Horizonte era cidade jardim. Na Avenida Afonso Pena uma fileira de árvores verdes possibilitava ao transeunte um descanso saudável nos dias de calor. Os bondes subiam e desciam conduzindo passageiros e parando nos abrigos. O abrigo mais próximo à minha casa era o abrigo Ceará. Descíamos do bonde naquela parada e íamos subindo até a nossa casa, correndo debaixo das árvores. As minhas memórias de BH estão ligadas às imagens dos bondes, das flores e das árvores. Até hoje não sei por que retiraram os bondes de circulação e decapitaram as árvores. Em todos os países do primeiro mundo os bondes continuam circulando e trazendo grandes benefícios para a população sem os efeitos colaterais da gasolina. Acho que a retirada dos bondes e das árvores tem muito a ver com a circulação dos carros.

Assisti ao primeiro sacrifício das árvores. Fiquei da janela registrando a cena, sentindo a tristeza de ver a cidade despojada, descontruída, famílias pobres carregando a lenha para o fogo. Conservo desenhos da época, como recordação do evento. Belo Horizonte perdia a característica de ser a cidade jardim, famosa pelo perfume dos jasmins e damas da noite. Aquelas árvores enormes copadas, adequadas ao efeito estufa, só restam como recordação da época na Avenida Bernardo Monteiro. Assim, ficamos por muito tempo, mergulhados no asfalto cinzento e na verticalização da cidade.

Muitos anos se passaram. Aos poucos, fui percebendo que Belo Horizonte estava tomando cores novamente e as flores renasciam nas alamedas e praças. Tomei a minha câmera digital, chamei um táxi e fui fotografar os ipês da Praça da Liberdade que estavam em plena floração. Perguntei a quem me acompanhava: "O que você está achando de eu tomar um táxi só para fazer fotos na praça?". Ela respondeu: "Isto e porque você está de bem com a vida!"

Agora, sentada no café do Palácio das Artes converso com uma arquiteta sobre a beleza dos ipês. Ela vai falando e eu escutando. "Você talvez não saiba, mas esses ipês tão floridos foram

idealizados por seu filho Maurício, quando era secretário de meio ambiente. Na época, o projeto foi considerado visionário, mas hoje os resultados são visíveis."

O plantio de árvores foi feito levando-se em conta as diferentes épocas de floração, para que a cidade pudesse estar sempre florida. A Praça da Liberdade é hoje um dos lugares mais aprazíveis da cidade e ali acontecem eventos criativos de dança e música, além de projetos na área de ecologia e tratamentos alternativos de saúde. Dentro de um stand, o jovem ambientalista mostra o seu trabalho realizado em Sete Lagoas. Outro stand demonstra massagens, acupuntura e terapias orientais.

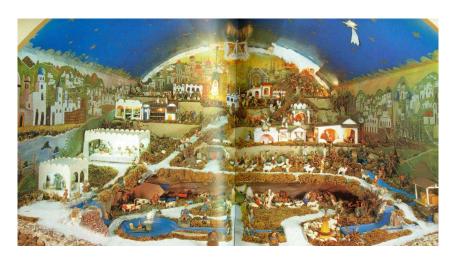
Lembro-me da praça à noite, todos os domingos quando ali os jovens faziam footing, moças caminhando e os rapazes parados em grupos cortejando as suas eleitas. No tempo da minha mãe os pretendentes passavam de bonde e tiravam o chapéu em frente à casa da namorada que estava na janela, esperando o bonde passar.

Hoje, na Praça da Liberdade, na semana da dança, o povo dança em cima de um tablado, dança de salão, do samba ao bolero. É a dança a dois que mais cresce em Belo Horizonte. Para praticá-la basta gostar. A dança na rua faz parte também da programação da cidade de Buenos Aires, na Argentina. Ali o visitante pode admirar um tango bem dançado e também participar.

Hoje Belo Horizonte volta a ser a cidade jardim, os ipês vão florindo de forma sustentável, quando um acaba de florescer o outro começa. "Em setembro, teremos os ipês amarelos", nos disse o motorista de táxi. Eles rodam a cidade e dão notícia de tudo, das flores, das festas, das danças. Hoje, é dia de festa na praça e para lá nos dirigimos com a nossa pequena câmera fotográfica.

6 de agosto de 2010

## **NATAL, ONTEM E HOJE**





Fotos: Adriana Moura e Maria Helena Andrés

#### Natal década de 40

Transcrevo o depoimento de minha irmã Maria Regina:

"Mamãe gostava de festejar o Natal com um presépio feito em casa, musgo colhido nos morros de BH e um gramado plantado por ela com antecedência em formas de alumínio ou latas de goiabada. No dia do Natal o capim já estava verdinho, para homenagear Jesus. Numa dessas celebrações natalinas, meu irmão Luiz quebrou a cabeça de São José e não contou nada para ninguém. Ficou caladinho. À noite, quando todos dormiam, ele acordou chorando: "estou vendo uma estrela voando, será que foi porque quebrei a cabeça de São José?

A estrela era um simples vagalume, mas o autor do mal feito apareceu..."

### Natal 2010, Praça da Liberdade

A praça é o encontro do povo da cidade e as luzes vindas da China, dão uma visão feérica, como os contos orientais das mil e uma noites. Agora vejo brilhar 1001 luzes e vou refletindo sobre as diferenças e contrastes do que foi o Natal no passado e o que é o Natal no presente. Relembro os presépios feitos em casa e o estímulo que meus pais nos davam para realizar com as próprias mãos uma pequena homenagem à Jesus de Nazaré. Lourdes relembrou o pequeno presépio de papel, armado com figuras do jornalzinho Tico-tico que líamos todas as semanas. Além desse presépio pequenino, escondido em seu quarto, num cantinho da estante, havia outro, também feito em casa, com musgos e cartolina recoberta de malacaché. O principal era homenagear o nascimento de Jesus. A principal figura era o menino Jesus, hoje ela se transformou em Papai Noel. Ninguém lembra mais do menino Deus, nascido numa gruta em Belém, nem da luz que ele trouxe para o mundo. O velho Papai Noel, importado da Europa ocupou o lugar do menino Jesus no coração das crianças. Papai Noel, por alguns chamado de São Nicolau, é uma figura lendária que surgiu na Europa, nas

montanhas geladas da Rússia. Era um velhinho pobre, que distribuía presentes para crianças pobres no dia de Natal. Hoje o Papai Noel incentiva o consumo, a compra de presentes nos "Shopping Centers" de todas as cidades do mundo. Chega vestido de vermelho, gorro vermelho e botas, lembrando, em meio ao calor dos trópicos, o frio e o gelo da Europa e dos EUA. O Luciano Luppi, que já se vestiu de Papai Noel várias vezes, me contou que a roupa vermelha foi introduzida pela Coca Cola... O menino Jesus está ficando esquecido e a celebração natalina cada vez mais se torna uma festa pagã, com vinhos, castanhas, nozes, acompanhadas de bandejas de peru, lombo de porco e leitão. A troca de presentes chega a ser cansativa, quase obrigatória.

Mas existem pessoas que ainda fazem presépios. Um dos presépios mais bonitos e que ainda existe, fazendo a ponte entre o passado e o presente é, sem dúvida, o Presépio do Pipiripau, hoje colocado no Museu de História Natural de BH. Durante toda a sua vida, Raimundo Machado, funcionário da Imprensa Oficial, construiu esse presépio que é um verdadeiro cenário, com as principais passagens da vida de Cristo. Esse presépio, que foi a alegria das crianças do meu tempo, continua trazendo a história de Jesus, feita com bonecos movimentados, pastores, reis magos, templos, cidades, vaquinhas e carneirinhos, riachos e fontes, tudo em movimento, num grande espetáculo de luzes e cores.

23 de dezembro de 2010

#### CARNAVAL: ARTE CONTEMPORÂNEA À MARGEM DOS MUSEUS







Fotos: Maurício Andrés e Alice Andrés

Na década de 1960, Hélio Oiticica, pioneiro da arte contemporânea no Brasil, era componente da Escola de Samba da Mangueira. Uma de suas mais famosas performances foi levar para o Museu de Arte Moderna do Rio, durante a ditadura brasileira a escola de samba da Mangueira, alegando que aquilo era uma obra de arte tão importante quanto as que estavam dentro

do museu. Naturalmente, a época não era apropriada para entender essa extensão da arte para a vida e, por causa disso, a Escola de Samba foi retirada do Museu.

Maurício e Aparecida já desfilaram em escolas de samba: Salgueiro, Mangueira, Unidos da Tijuca. Ele nos deu o depoimento abaixo:

"Quando, há muitos anos, desfilei pela primeira vez no sambódromo, fiquei impressionado com a organização pouco burocrática. A única informação que nos pediram antes era o tamanho dos nossos pés e de nossas roupas, para prepararem a sandália e a fantasia com que iríamos sambar. Nem o nome era necessário, bastava uma senha e nos disseram que, entre os foliões fantasiados, havia muitos que não podiam ser identificados por razões policiais. Outra informação relevante era o centavo no final do valor pago pela fantasia. Cada folião pagava um valor diferente e a diferença estava no centavo. Maurício pagou R\$250,01 e Aparecida R\$250,02, por exemplo, e assim por diante. A concentração era um momento importante, para se conhecer os companheiros de ala e aprender a cantar bem o samba da escola e depois o desfile passava durante 30 a 40 minutos pelo sambódromo. Era tudo muito organizado e disciplinado, não podendo haver atrasos. Existiam monitores que tangiam as alas no andamento certo a fim de evitar que houvesse buracos entre os sambistas e foliões.

A tecnologia de organização da escola de samba é uma referência que pode inspirar outras organizações a trabalharem coletivamente e obterem, no prazo correto e sem maior complicação, os melhores e mais belos resultados. O resultado de conjunto ficou muito bonito, aquilo que Darcy Ribeiro chamava de "o maior espetáculo da terra."

Em 2011, Alice, filha de Mauricio e Aparecida, desfilou na São Clemente, com dois amigos alemães que queriam ter a experiência do desfile junto com os brasileiros, revelando como as escolas de samba estão presentes em várias gerações. De minha casa, no Retiro das Pedras pude acompanhar o desfile, que foi filmado com uma câmera de celular diretamente da televisão. Ela dá o seguinte depoimento:

"Meus amigos alemães, que já ouviram muito falar do carnaval brasileiro, fizeram questão de desfilar na Sapucaí. Assim, três meses antes do carnaval, decidimos sair na escola de samba São Clemente e contratamos a confecção das três fantasias – lindas, de pierrôs. Ficamos muito tocados com a alegria que as fantasias pareciam trazer com suas simples presenças: os alemães não paravam de sorrir, quiseram experimentá-las imediatamente e, ao sairmos de casa e entrarmos no primeiro ônibus em direção ao sambódromo, as pessoas nos paravam na rua, desejando sorte para a escola de samba, tiravam fotos. Tudo fazia parte de uma performance espontânea, desligada do trabalho de curadores. Sem dúvida era um processo de arte – bem que o Hélio Oiticica tinha razão! Escola de

samba é arte contemporânea!"

Marília participou de blocos carnavalescos no Rio em 2011 e nos deu o depoimento abaixo:

"No Rio de Janeiro os blocos carnavalescos emergem dos bairros congregando a população local: idosos, jovens, crianças e até bebês participam dessa celebração de alegria que transparece na alma do povo, resgatando as antigas marchinhas carnavalescas dos anos 1930/40 e as brincadeiras com confetes e serpentinas. O trio elétrico comanda os foliões, produzindo uma unidade sinergética entre as pessoas. Dança, música e brincadeiras proporcionam aos participantes a oportunidade de sentir de perto o que é o carnaval brasileiro."

18 de março de 2011

### **SÃO SEBASTIÃO**





Fotos: internet

Quatro homens vestidos de "opa vermelha" vão subindo a ladeira, carregando a imagem de um santo. É São Sebastião, o mártir cristão que morreu coberto de flechas dos soldados romanos. Ele também era um soldado convertido e foi um mártir dos primeiros tempos do cristianismo. Hoje São Sebastião sobe a ladeira em triunfante procissão. O sol está quente, mas o povo da cidade acompanha o cortejo cantando ladainhas e repetindo Pai Nossos e Ave Marias.

São Sebastião de Águas Claras é um lugarejo próximo a Belo Horizonte, mas conserva tradições do passado e as festas populares são famosas, agregando todos os municípios vizinhos. A banda de música exibe instrumentos reluzentes, que brilham ao sol do meio-dia. Os músicos também brilham e a cidade é refletida nos espelhos dos trombones. O padre está à frente, as mulheres enfeitam de bandeirinhas a pequena igreja do século XVIII, que se vê adornada nesta manhã festiva.

Minas Gerais promove esses encontros populares, sempre com a ajuda de crianças, jovens, idosos, homens e mulheres.

Vem gente de longe carregando brindes para o leilão – que é realizado em benefício da igreja. "Quem dá mais?"

Os brindes são feitos em casa, nos fogões à lenha. Leiloa-se tudo, ferros de passar, sanduicheiras, panelas, pratos deliciosos, farofas, feijoadas, doces, pudins, bolos, galinhas, patos e leitões, ovos e leite.

O cortejo seguiu até o alto do morro e o artista local, Ivan Volpi, cedeu para a festa um estandarte representando São Sebastião crivado de flechas.

Depois, cada um vai comemorar o domingo com almoços regados a vinho e cerveja.

12 de janeiro de 2016

## **SEMANA SANTA EM OURO PRETO**





Fotos: Marília Andrés

Ouro Preto sempre é um cenário onde a Paixão de Cristo se realiza de forma artística. Ali a tradição é cultuada por toda a população. Janelas se enfeitam de cores, mostrando o roxo como significado da morte de Cristo e cores alegres para a festividade da Páscoa.

O chão de Ouro Preto data do século XVIII, quando as pedras eram colocadas muitas vezes em forma de mandala. Pessoas se vestem para a coreografia, trazendo para o presente o passado histórico do Cristianismo. Figuras do Antigo Testamento – Sara, Abraão, Moisés, desfilam aos olhos do povo. Anjos e Arcanjos caminham pelas ruas, solenes, concentrados, carregando tochas. Soldados romanos carregam o esquife e Nossa Senhora das Dores chora a morte de seu filho.

A procissão sai da Igreja do Pilar para Antonio Dias. Verônica é representada por uma senhora de 80 anos que vai mostrando para o público a face de Jesus num sudário. Há uma integração de

toda a comunidade: negros, brancos e mulatos, crianças, jovens e velhos.

No Sábado de Aleluia o povo vai para as ruas criar tapetes de serragem por onde irá passar a procissão. O artista Ivã Volpi, convidado para uma exposição na FIEMG, criou junto com a comunidade um tapete que denominou "Coração Flamejante". Houve uma homenagem ao Mestre Guignard e a bandeira de São Sebastião, um de seus santos preferidos, é colocada na janela do Museu Guignard. No domingo da Ressurreição os tapetes adornam as ruas e o povo se concentra na Matriz do Pilar. Colocam bandeiras, estandartes, cortinas e colchas coloridas nas janelas para celebrar o cortejo. A Ressurreição é uma festa de cores e os anjinhos desfilam transmitindo a alegria e a inocência das crianças. Uma revoada de anjos povoa o cenário da velha Ouro Preto, pais carregam os filhos, e até um anjinho de 1 ano acompanha o cortejo, no colo da mãe, segurando a mamadeira. Na porta de sua casa, Marília de Dirceu, vestida de noiva espera o seu noivo, deportado para outras terras.

Meninas de rosa, meninos de azul seguem a tradição mineira.

Após a procissão uma turma de garis varre as ruas cantando e em pouco tempo a cidade fica limpa para os dias comuns.

15 de abril de 2010

### **HORTA ORGÂNICA**





Fotos: Cristina Cortez

A fazenda Luiziânia, localizada no Campo das Vertentes em Entre Rios de Minas, convidou um grupo interessado em alimentação orgânica, para uma visita à sua horta.

Familiares de Belo Horizonte levaram suas crianças para aprender o processo de cultivo orgânico, sem agrotóxicos.

Educar as crianças a adotarem uma alimentação saudável é o primeiro passo para a grande transformação prevista para o século XXI.

O cultivo da terra é uma forma de arte, uma extensão da arte à vida. Naquele momento os visitantes também participavam do processo de plantar e colher.

As crianças observavam os detalhes do nascimento e crescimento de uma planta e indagavam curiosamente: "Vem ver os nenéns da estufa, são lindos!"

Teresa e Pedro iam conduzindo os visitantes: "Olha como a natureza é sábia, às vezes as folhagens mais velhas protegem as que estão nascendo, para que a luz do sol não prejudique as recém-nascidas."

Os visitantes iam recebendo lições de vida, nascimento, crescimento, morte e renascimento.

As folhas velhas são colocadas num composto, que servirá de adubo natural para novas plantações. O composto é feito de esterco, capim e água e, naquele dia estava sendo revirado para esfriar. O processo de fermentação eleva a temperatura do composto. De perto podíamos sentir o calor daquelas pirâmides de adubo natural. Dois homens mexiam e cavavam cavernas naquelas pirâmides que se destinavam ao ciclo do eterno retorno. "Nada se perde, tudo se transforma."

Observar o cultivo da terra é receber lições que nos chegam diretamente da natureza.

Um grupo de crianças se interessou pelas bananeiras e Teresa explicou: "Vocês já ouviram falar de bananeira que já deu cacho? As bananeiras crescem juntas, como uma família, e a mais velha, depois de dar cacho é retirada para dar chance às outras". Outras explicações se seguiram e no final, um almoço vegetariano, servido na varanda foi uma experiência gastronômica de alto nível. Comemos os frutos da terra sem nenhum agrotóxico, enquanto víamos da varanda, a horta se estendendo como uma grande tapeçaria viva.

16 de setembro de 2009

#### **PIC NIC NA FAZENDA**





Fotos: Euler Andrés e Cristina Cortez

Comer é um ato agrícola - saber a origem dos alimentos, como são plantados, se são preservadas as comunidades tradicionais de plantio, enfim, preservar os saberes e sabores. Unir os dois elos: produtor e consumidor e integrá-los num ambiente de arte do cotidiano em que os pratos servidos são coloridos.

Junto com o grupo local do "Slow Food" os visitantes são convidados a participar de um evento, uma festa no campo onde recebem instruções sobre o plantio dos alimentos que consomem.

No almoço o prato fundamental foi o bambá de couve, angu e farinha de milho torrada. Receita de Jorge dos Anjos que é artista e "gourmet". Às vezes é convidado para expor suas esculturas e acaba fazendo o almoço.

Teresa recebeu uma receita do Chico Magalhães, artista plástico e atualmente diretor do Museu Mineiro de um biscoito amanteigado de fubá, denominado pelos antigos de "raivinha". Numa oficina de gastronomia com as crianças, Teresa as incentiva a meter a mão na massa.

A raivinha era usada pelas mães como tarefa de harmonização das brigas entre irmãos. Enquanto amassavam os biscoitos punham a raiva para fora. Depois comiam a produção celebrando as pazes. Isto se chama o saber dos sabores.

O piquenique incluía em sua programação uma visita à horta para ver a plantação de morangos, das hortaliças e do milho. As crianças identificavam as mudas. A festa terminou com uma visita à fazenda da Barrinha, para ver o moinho d'água e os jardins da tia Laura, cheios de buganvilas, orquídeas e até o perfumado "chulé do imperador".

Uma jovem artista americana relacionou os jardins da Barrinha com os "secret gardens" nos USA. Lembramos também dos jardins de Monet, que ele imortalizou nos seus quadros.

O tema do piquenique era o "milho", o estudo de seu plantio e aproveitamento. Foi mostrada a palha usada pelas artesãs locais na criação de bonequinhas, cestos, flores etc. O milho também conduziu os convidados a ver o moinho d'água na Barrinha.

Na fazenda da Barrinha eu tive meu ateliê durante 20 anos e ali pintei várias fases do meu itinerário artístico. A fase de guerra, as madonas e a fase cósmica.

Daquele lugar privilegiado eu continuo guardando as melhores lembranças e revendo a janela do meu ateliê agora colorido com buganvilas em flor.

Vejo agora os meus filhos e netos cultivando a terra herdada de seus avós e bisavós, como uma forma ecológica e sustentável de reverenciar a natureza. Ao mesmo tempo proporcionam às crianças o conhecimento de uma alimentação sadia, necessário para transformar o "fast food" em "slow food".

Esta é uma forma de estender a arte à vida, proposta do nosso mundo contemporâneo.

Estamos vivendo uma época de grandes transformações e uma das funções mais importantes das diversas formas de arte é colaborar com esta mudança da sociedade. A arte do momento libertase, aos poucos, dos antigos padrões do passado, do mito do sucesso, da valorização da mídia, da ambição material, para conduzir o ser humano à sua real posição no planeta, à sua ligação com a natureza e com o universo.

Arte e vida não estão separadas, mas coexistem de forma harmoniosa quando tudo é feito com reverência e atenção. As atividades do dia a dia, a cozinha, a jardinagem, o arranjo de flores, o cuidado com as crianças, tudo está na extensão da arte para a vida.

3 de setembro de 2010

## **NOSSAS RIQUEZAS, NOSSOS PROBLEMAS**



Escrevi os poemas abaixo em 1989, durante uma viagem a Porto Trombetas, no Pará.

#### **PAPEL**

Para se fazer Este papel Onde estou escrevendo Foi preciso sacrificar Uma árvore

## **MORTE**

A árvore deve gemer quando cai. Deve chorar revendo o passado E os anos que viveu Antes do homem chegar Com sua preocupação De progresso.

## **EM NOME DO PROGRESSO**

A represa precisa ser construída Em nome do progresso E a natureza vai agonizar Em nome do progresso
As luzes vão se acender
Em nome do progresso
E as árvores terão que morrer
Em nome do progresso
O sacrifício da floresta
É um trágico documento
Em nome do progresso.

## MINERAÇÃO

Enormes caminhões
Estranhos guindastes
Escancaram
Imensas bocas de ferro
Para engolir a terra.
Cavam buracos
Cada vez mais fundos
Levantando a poeira
Amarela e vermelha
Da terra sangrenta

## **DESTINO**

O estrangeiro
Não pode poluir
Sua terra.
Exige que o minério
Chegue limpo, lavado
Sem manchas.
Navios param no porto
Marinheiros descem
E as mocinhas da terra
Sobem escondido as escadas
E descem com dólares.
E os marinheiros seguem seu destino

## INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Cinco enormes porões Com as escotilhas abertas Como enormes úteros. O grande dragão vermelho Insemina os úteros Que irão germinar Em outras terras.

## A ONÇA

Lá embaixo No porto Os pescadores Oferecem peles de onça Escondido.

É proibido matar animais.

A onça anda rondando as casas
Comendo galinhas e cachorros.

As crianças têm medo de onça
E as onças têm medo dos homens
Que destroem matas
E alagam cidades.

# A GIBOIA

A estória da giboia
Que engoliu o dentista
Ainda repercute por aqui.
Ela quebra ossos
Tritura
E engole a pessoa
Inteirinha.
A terra acordou
De noite chorando.
Sonhara que o trator
Era uma imensa
Giboia.

13 de fevereiro de 2017

# **MEDITAÇÃO**







#### Fotos: Maria Helena Andrés e internet

Acabo de ler o artigo do jornalista Gilberto Dimenstein publicado na Folha de São Paulo (domingo, 6 de fevereiro). Neste artigo, Dimenstein analisa o trabalho que está sendo feito na Universidade de Harvard, nos EUA, sobre os efeitos da meditação budista nas pessoas em estado de estresse e depressão. Os orientais praticam a meditação há milênios e agora os seus efeitos estão sendo estudados pelos maiores cientistas do mundo ocidental. Gilberto Dimenstein nos diz em seu artigo:

"Estão conseguindo fazer aqui em Harvard a união das crenças milenares do budismo com a neurociência, mostrando como a meditação altera áreas do cérebro e produz bem-estar: menos ansiedade, depressão e dores crônicas. E até menos propensão à obesidade.

Submeteram 2.250 universitários a testes de ressonância magnética, depois de passarem por exercício de meditação. As imagens exibiram ampliação nas áreas do cérebro associadas à memória, à aprendizagem e ao equilíbrio emocional e redução daquelas ligadas ao estresse.

Essa química entre um conhecimento de 2.500 anos com neurocientistas e psiquiatras, munidos com máquinas que detalham o funcionamento do cérebro, reflete a inquietação dos cientistas diante da epidemia de ansiedade, traduzida no consumo crescente de remédios."

Segundo Dimenstein, Ronald Siegel, professor de psicologia de Harvard nos ensina técnicas simples de meditação, como por exemplo "caminhar de um jeito diferente". Em seus ensinamentos, Ronald Siegel "se concentra em cada passo e observa como o movimento produz reações em seu corpo. Deixa-se entregar ao voo de um passarinho, à brisa que bate em seu rosto ou aos risos de uma criança brincando no parque, sempre observando como cada coisa se passa dentro dele. Estar presente de fato, não fugir da realidade, é um jeito de moldar o cérebro para as adversidades, diz o professor. Estar presente não significa, acrescenta, sentir só a brisa no rosto num dia primaveril, mas não fugir do sofrimento".

Acrescento aqui o depoimento de Eliana Andrés, professora de Yoga em Belo Horizonte:

"Em 2005 fui convidada pelo doutor Cid Veloso a ministrar a "Oficina de Yoga" no VI Congresso Nacional da Rede Unida, no Campus da UFMG, em Belo Horizonte.

Ofereceram-me uma tenda branca, espaço suficiente para desenvolver um trabalho de prática de Yoga para grupos pequenos.

O Congresso atendia a um público relacionado à área de saúde e no intervalo entre palestras e as outras atividades da programação, foi dado ao participante a possibilidade de usar aquele espaço. Ali desenvolvemos sequências de asanas (posturas), prãnãyãmas (exercícios respiratórios),

relaxamento e práticas de meditação, de acordo com a necessidade de cada um.

A experiência das pausas no trabalho, num ambiente silencioso, onde as pessoas tiram o sapato, movimentam a coluna vertebral, ou simplesmente permitem ao corpo uma postura que alivia o peso sobre os pés, parece sem importância.

A receptividade das inúmeras pessoas que experimentaram aquela vivência durante 3 dias, demonstrou o contrário.

Para mim, aquela foi uma experiência inesquecível, inovadora, exemplo a ser estendido não somente a Congressos e repartições públicas, mas a todos os locais de trabalho. "

17 de fevereiro de 2011

## MEDITAÇÃO NO TRABALHO



Foto: Maurício Andrés

Uma das características mais pronunciadas da civilização oriental é a busca de uma realidade interior, de um plano espiritual de vida que reúne todas as coisas numa totalidade.

O oriental procura através da religião, da filosofia ou da arte, a integração do homem à natureza e ao cosmos, buscando encontrar além do tempo e do espaço o valor intrínseco das coisas. Para isto serve-se de guias, mestres e filósofos. Alguns renunciam à vida familiar, recolhendo-se às comunidades espiritualistas ou *ashrams*. Outros aproximam-se da natureza, buscando no silêncio das florestas ou no interior de grutas afastadas a resposta para suas indagações. Há também aqueles que se aperfeiçoam como chefes de família, transmitindo aos filhos os ensinamentos dos mestres.

Buscam o encontro com o Ser Interno através da meditação e do autoconhecimento. Essa realidade interna, quando reconhecida, liberta a mente das inquietações provocadas pela agitação

do mundo. A tranquilidade mental, visada por toda a filosofia do Oriente, não conduz à apatia, mas à serenidade do homem superior.

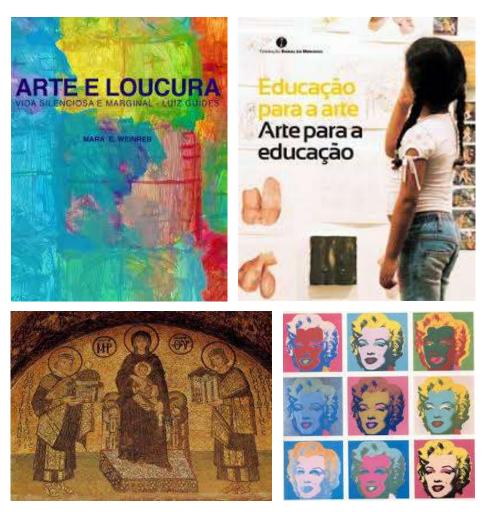
Transcrevo aqui trechos do artigo de Débora Rubin (Revista "Isto É" de 1/12/ 2010) sobre Meditação no Trabalho:

"Tendência na Europa e nos EUA, que criaram até salas para meditar dentro das empresas, a prática se espalha entre profissionais brasileiros. (...). Essa foi a semente para um movimento que só cresce no exterior e já começa a se instalar no Brasil. Grandes executivos e respeitadas corporações perceberam como o ato de meditar pode melhorar a dinâmica dos ambientes corporativos e a vida de cada profissional. Nos EUA e na Europa, por exemplo, é cada vez mais comum as companhias criarem salas de meditação. Algumas equipes fazem até minutos de silêncio antes de uma reunião, como forma de fazer com que os participantes figuem menos discursivos e mais atentos ao que está sendo discutido. (...). Menos ansiedade, mais concentração, capacidade de lidar com o estresse e com a competitividade. Para a monja Coen, do Zen Budismo, meditar não é ausentar-se, pelo contrário, é desenvolver presença absoluta. (...) Segundo York Stillman, diretor do Centro Shambala, com a mente mais clara há menos desentendimentos, mais opções e mais criatividade. A meditação também ajuda a recuperar o verdadeiro significado do trabalho, a felicidade de servir o outro. É o que prega dom Laurence Freeman, monge beneditino e presidente da Comunidade Mundial de Meditação Cristã. Segundo o religioso, a delicadeza nas relações e a atenção plena aos colegas, clientes e fornecedores deveriam ser a base da vida profissional, mas são atitudes que caíram no desuso conforme a pressa, a competição e o estresse dominaram a cena. Meditar é uma forma de combater os infelizes padrões profissionais do mundo moderno, acredita Freeman. Há mais de 20 anos ele é convidado por grandes empresas para ensinar os funcionários a meditar".

O estado de meditação pode ser alcançado também em outras situações da vida, como nos momentos de criação artística. Compara-se o artista ao místico. Tanto um quanto outro voltam-se para o infinito, buscando alguma coisa mais que as simples tarefas utilitárias. O místico, no plano sobrenatural, e o artista, no plano natural, estão ligados por uma semelhança que se traduz na ascese, na busca do espiritual. Um procura a vida espiritual, o outro a idéia criadora, mas ambos transcendem o mundo com suas limitações e incertezas. Ambos se inclinam à vida interior, tentando sondar a profundidade de sua própria alma, onde se encontram as verdadeiras riquezas.

Em meados do século XX o monge beneditino Bede Griffiths trouxe para o Cristianismo a meditação baseada nas práticas milenares da Índia. Em seguida, foi inaugurado em Londres um centro de meditação cristã onde a palavra MARANATA que significa o nome de Jesus em aramaico, deve ser repetida durante a meditação.

# ARTE COMO DESPERTAR DO SER INTERNO



Fotos: internet

Observando a história da arte moderna, podemos enxergar, nas entrelinhas de todos os

ismos, um impulso dirigido à conscientização do homem, à e sua desmassificação, à busca existencial e à abertura do Ser. Acompanhamos seu itinerário, que se apresentou de maneiras variadas neste século, levantando polêmicas e controvérsias, congregando os artistas e o público para uma nova visão do mundo. Por meio do invólucro do objeto artístico, diversas luzes se acenderam, indicando caminhos novos para o homem. Sentimos a energia que se utilizou das várias correntes artísticas como instrumento para despertar uma realidade mais profunda, submersa nas raízes do Ser. Ela trouxe em seu contexto uma nova consciência. Despertou, denunciou, rompeu bloqueios, reivindicando a liberdade de expressão e a busca da espontaneidade.

A inquietação da arte do século XX acompanhou a inquietação de sua época, penetrou nos domínios do inconsciente, da psicologia, ligou-se à ciência e à tecnologia. Abandonou os antigos padrões estéticos para mergulhar no universo interior do homem, procurando a origem dos sentimentos e emoções. Promoveu o autoconhecimento, sacudiu preconceitos enraizados, quebrou estruturas arcaicas.

A arte se manifestou como libertadora de ideias e sentimentos, exprimindo muitas vezes reivindicações sociais ou anseios espirituais. Passou a ser considerada como força harmonizadora do homem. Utilizaram-na na educação e na psicologia. Levaram-na para o campo da comunicação, fizeram-na saltar dos museus para as praças, dos teatros fechados para as ruas movimentadas, colocaram-na como testemunha da violência, massificaram-na e desmaterializaram-na. Mas, apesar das controvérsias, a arte continua atuando em todos os níveis da vida cotidiana, liberando energias e rompendo barreiras.

Arte, ciência, religião e filosofia, vida, criatividade, ação, pensamento e palavra acham-se interligados. Pertencem à totalidade cósmica que promove a evolução consciente do mundo. Todas as atividades criativas abrem caminho para essa evolução. Muitas vezes a arte antecede a filosofia. Pressente as aflições de um povo, capta seus anseios, denuncia a violência, transmite mensagens de paz. Ela pode nos projetar no espaço, antecipando as conquistas tecnológicas, e nos libertar da massificação gerada pela propaganda. Desde o início, a arte em seu contexto geral, procurou quebrar condicionamentos, desligar-se da tradição e reivindicar para o artista a liberdade criadora.

É justamente na quebra dos condicionamentos e na ânsia de despertar o novo que ela se torna colaboradora da evolução.

Em arte, deve-se "nascer virgem a cada manhã", disse-nos André Lhote, um dos mestres da Escola de Paris. Nascer virgem é viver plenamente o instante da criação, é despertar para o novo que surge a cada momento. É afinar ação externa com crescimento interno, abrir-se para a sabedoria, ser receptivo às vibrações do cosmo. A arte, com todas as suas reivindicações, levantou

antenas para o espaço e traduziu, na voz dos artistas, a necessidade de evolução do planeta. (Trecho do livro "Os Caminhos da Arte", editora C/ARTE, 2015)

4 de abril de 2016

## **EM BUSCA DO SER INTERNO**





Fotos: Vânia Trindade e Marília Andrés

O desenvolvimento interior é o esquema de conduta, estimulado através dos séculos pelas diversas religiões orientais, cujos fundamentos levam a uma visão cósmica da Verdade. A noção de liberdade está na base desse desenvolvimento interior, dessa evolução para um plano superior de existência, onde o espírito liberta-se das ligações terrestres para se integrar à Essência Criadora de todas as coisas. O homem realmente integrado é aquele que se liberta não somente do conforto material, mas também da ambição, egoísmo, inveja, ciúme e todos os impulsos negativos que encobrem a Realidade Interna, como uma nuvem escura encobrindo o sol. Para nós, ocidentais, acostumados ao progresso material, à concorrência e à competição, essa atitude nos parece estranha e profundamente apática. No entanto, ela nos desperta para outros aspectos da vida e nos

mostra o caminho aberto a um progresso necessário ao equilíbrio do homem do século XXI: o progresso espiritual e a descoberta da sua origem divina.

Há várias técnicas de meditação, variando de acordo com as necessidades dos discípulos, mas todas levam ao mesmo ponto: o estado de atenção necessário a uma plena consciência das coisas. Todas insistem no não pensamento. Sentir, olhar e perceber o presente sem interferências do passado ou do futuro. Os nossos sofrimentos vêm de nós mesmos, dos nossos conflitos mentais e do acúmulo de imagens conflitivas na mente. Quando aprendemos a olhar a mente de forma direta, quando a esvaziamos por completo, percebemos um estado de Serenidade e Paz, que seria o estado natural do ser humano.

O caminho do meio, pregado por Buda há 2.500 anos, conduz a um estado de alegria sem excessos e à Felicidade a que tem direito a pessoa durante o seu curto tempo de permanência na terra. Mas, de um modo geral, esse tempo é gasto em várias atividades e somente poucas pessoas se aproximam da beleza desses momentos como um privilégio especial. Os ensinamentos dos lamas, quando se referem à observação dos próprios pensamentos, assemelham-se às instruções de Krishnamurti. "Olhe dentro de você mesmo, observe os movimentos de seu ego, suas reações à vida diária."

Quando tomamos consciência de que tudo está na nossa própria mente, quando compreendemos como surgem, permanecem e acabam os nossos pensamentos, sentimos que eles são realmente os geradores de todos os nossos altos e baixos. O momento presente é sempre belo e cheio de luz. Somos nós que criamos a nossa própria dor.

20 de maio de 2012

#### **SOL DO MEIO-DIA**











Fotos de Marília Andrés

Dizem que os idosos

Devem tomar um pouco

Do sol do meio-dia

Além de receber os raios

Solares

Colocar as palmas das mãos

Em direção ao sol

Saí de casa

A rua estava vazia

Todos no almoço

Ou vendo TV

Andei de um lado para

Outro repetindo o mantra

Que recebi na índia

Com a Gurumai

**HAM SAH** 

Repetir HAM SAH

É repetir um som

Que ultrapassa as fronteiras

Do conhecido.

Preste atenção ao som

E verá que ele está em tudo:

Nas batidas do coração

Na respiração

Repetimos HAM SAH

Ininterruptamente.

Ele só termina com a morte

HAM SAH é vida.

Em frente à minha casa

Tudo é silêncio.

Os pássaros estão quietos

Mas o vento desfolha

As flores das árvores

O chão já está coberto de flores amarelas

Mas minha respiração repete

**HAM SAH** 

6 de setembro de 2020

### ABSTRACIONISMO E ESPIRITUALIDADE I











Fotos: internet

Dando sequência aos nossos estudos sobre a arte não figurativa, originária da Vanguarda Russa, retomo um texto do meu livro "Os Caminhos da Arte":

"Jean Cassou, crítico europeu, viu a pintura abstrata como a manifestação espontânea do sentimento religioso e considerou importantíssimo o papel da arte na segunda metade do século XX. Com grande agudeza de percepção, abrangeu o panorama da arte abstrata e sua função de modificar por completo o caminho traçado pelas demais tendências figurativas. A arte não figurativa, afastando-se da realidade exterior, levou o artista a mover-se em direção à sua própria essência, na qual encontrou também a ciência, a física, a matemática e a filosofia.

Que a arte, hoje, satisfaça às aspirações religiosas quando tantas camadas sociais, por motivos de razão, lassitude, repugnância, indiferença ou respeito humano se afastam das religiões estabelecidas, não há que espantar-nos, antes ver aí uma dessas astúcias, dessas táticas e combinações por meio das quais o gênio todo poderoso das grandes transformações do mundo trata a natureza humana.

Se para Pevsner e Gabo o ideal era a formação de uma nova sociedade, para Malevitch a verdadeira realidade da vida e da arte encontrava-se nessa busca do Supremo por meio da ausência de cores, da pureza e da sobriedade de formas. Sua arte buscava o vazio e a não objetividade. Branco sobre Branco, seu último quadro, enfatizava a absorção da forma na totalidade do Ser, que é impessoal e sem forma. O caminho proposto por Malevitch mostra-nos o fim da manifestação fenomenal e a entrada em outro plano, onde qualquer manifestação exterior significa descer ao mundo da multiplicidade. O branco é a fusão de todas as cores, sem fragmentações. Em Malevitch, a espiritualidade da Arte Abstrata encontra seu ponto máximo. Formas e cores desaparecem para dar lugar à claridade e à pureza suprema que é o Branco sobre Branco.

A busca espiritual desses pintores russos nos remete às fontes orientais da filosofia perene

das Upanishads.

O conceito fundamental do Hinduísmo é que, por detrás da multiplicidade de formas do mundo imanente, existe uma Causa Primeira, imutável, inimaginável, sem atributos. Esta é Brahman e Atman (correspondendo respectivamente à abordagem objetiva e subjetiva).

O Ser impessoal ou o Supremo, ao qual Malevitch se refere, corresponde a Brahman, o Criador do universo, aquele que está presente neste nosso mundo, com sua multiplicidade de formas, e ao mesmo tempo o transcende.

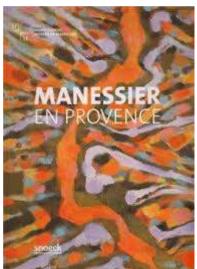
Atman, da mesma natureza de Brahman, é a sua abordagem subjetiva, ou a Centelha Divina inerente a cada um de nós."

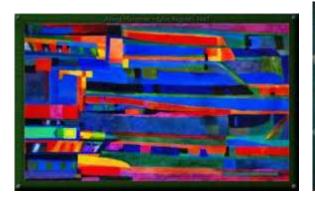
(Caminhos da Arte, 3° Edição, Editora C/ARTE)

3 de outubro de 2016

### **ABSTRACIONISMO E ESPIRITUALIDADE II**











Fotos da internet

É entre os adeptos do Abstracionismo que encontraremos os depoimentos mais importantes sobre a arte como transformadora do homem.

Testemunhos de artistas deixam transparecer a mesma ideia religiosa de encontro com a essência do Ser. Vejamos os depoimentos de Alfred Manessier, conhecido pintor e artesão abstrato: "A criação artística supõe (...) duas condições. Primeiro, não dizer "eu quero", porque a exteriorização dos estados interiores exige uma espécie de abandono de si mesmo; em seguida, muito amor: só ele permite "levar" o assunto até ao seu termo, até que ele se humanize a ponto de ganhar um valor geral.

A arte da não figuração parece-me ser a possibilidade atual pela qual o pintor melhor pode subir até à sua realidade e retomar consciência do que é essencial em si. É só a partir deste ponto reconquistado que ele poderá, depois, reencontrar o seu peso e revitalizar até a realidade exterior do mundo (...). Se o homem é uma hierarquia de valores, sua aparência exterior não é mais que um fantasma transparente, se estiver vazio de conteúdo espiritual."

Este "abandono de si mesmo", de que nos fala Manessier, é a receptividade diante do desconhecido e o caminho para a espontaneidade criadora, destituída de qualquer premeditação. A fim de exteriorizar puros estados interiores, torna-se absolutamente necessário o vazio de intenções. O ato de pintar, dentro desta atitude, é a tomada de consciência do essencial. O Abstracionismo, tanto no seu aspecto geométrico quanto no informal, partiu para a conscientização da síntese das artes germinadas no próprio processo criador.

Cores e sons, gestos e dança encontram-se dentro do ato criador.

Penso que há uma fonte comum entre o pintor e o bailarino, uma certa maneira de viver os ritmos. O pintor é como um bailarino que reduz a dança aos seus aspectos mais essenciais.

Para mim, o quadro não pode ser o resultado de uma ideia preconcebida. A parte de aventura é nele muito importante e, é, de resto, essa parte de aventura que é finalmente decisiva na criação. No começo há um ritmo que tende a desenvolver--se: é a percepção desse ritmo que é fundamental, e do seu desenvolvimento depende a qualidade viva da obra.

As artes plásticas vêm assimilando, desde meados do século XIX, o processo de síntese Oriente-Ocidente. A influência oriental manifestou-se com nitidez na arte de Gauguin e Van Gogh, nos arabescos do Art Nouveau e, mais tarde, nos símbolos de Kandinsky, o primeiro artista abstrato. A filosofia Zen-budista, incentivando a espontaneidade, encontrou os artistas ocidentais preparados para recebê-la.

O Abstracionismo Informal, que se espalhou pelo mundo a partir da segunda metade do século XX, despertou a espontaneidade e a instantaneidade na arte. Deu-se ênfase ao movimento e à rapidez. O artista, desligando-se de fatos históricos e narrativos, afastando-se de modelos e cenas de sua região, buscava um contato consigo mesmo. Esvaziando a mente de medidas e cálculos, deixava--se guiar pelo gesto imediato, podendo assim alcançar o estado denominado pelos zenbudistas de Satori.

(Caminhos da Arte, 3° Edição, Editora C/ARTE)

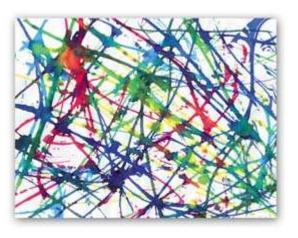
14 de novembro de 2016

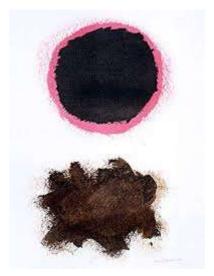
#### ABSTRACIONISMO E ESPIRITUALIDADE III













Fotos da internet

Vários artistas ocidentais têm buscado expressar a instantaneidade do momento criador, captando alguns dos mais característicos símbolos orientais. Na intensidade emocional do gesto, aproximam-se da escrita chinesa e, procurando o depuramento da forma, muitas vezes trazem à luz formas semelhantes às mandalas tântricas. O Abstracionismo, portanto, seja em seu aspecto informal, seja em seu aspecto geométrico, constitui uma aproximação do Oriente com o Ocidente. Essa busca de valorização do momento presente, da instantaneidade da criação, introduziu-se na arte do Ocidente por intermédio de Mathieu, na França, e da Action Painting, nos EUA. Mathieu declara na Analogia da Não Figuração:

"A atividade do artista, paralela à do sábio e à do santo, comunica-se com todas as forças vivas do cosmos e aproxima-se do pensamento científico moderno, no qual os meios de apreensão do universo já não são fornecidos só pela razão e pelos sentidos."

Proclamando a necessidade do artista de realizar a síntese da arte e vida, Mathieu buscou conhecer o mundo fazendo viagens e procurou o encontro consigo mesmo nas meditações. Seus quadros, realizados na maior velocidade para apreenderem o mais rápido possível a essência criadora, assemelham-se à caligrafia oriental.

Nos EUA, Jackson Pollock, Mark Tobey, Franz Kline, Theodorus Stamus, James Brooks, William de Kooning, Gottlieb e outros iniciaram o movimento da Action Painting, que enfatizou intensamente a pintura gestual e o automatismo psíquico. O método de Pollock foi o de entrar no processo criador, submergindo na pintura como o calígrafo chinês, a fim de transmitir a energia Ch'i. Seus quadros, de um intenso grafismo, assemelham-se à escrita do Extremo Oriente e o seu modo de pintar lembra o dos índios navajos, que vertiam areia colorida no solo, a fim de marcar seus

talismãs.

Mark Tobey, influenciado pela filosofia Zen, usou como suporte quadros menores e tintas que permitiam rápida secagem, para conseguir, no ato de pintar, a simultaneidade da ideia e da realização.

A arte abstrata possibilita uma comunicação direta com as forças mais profundas do ser humano. Neste encontro consigo mesmo, pode-se descobrir a fonte comum que dá origem a outras formas de arte, como a dança e a música.

Vivenciar o ritmo na arte é também descobrir o ritmo de nossa própria vida. (Caminhos da Arte, 3° Edição, Editora C/ARTE)

21 de novembro de 2016

### ABSTRACIONISMO E ORIENTALISMO I

Transcrevo abaixo trecho do meu livro "Os caminhos da Arte", que aborda a Vanguarda Russa, precursora do Movimento Construtivo Brasileiro, numa síntese com a antiga sabedoria do mundo, incluindo os Upanishads:

No panorama histórico da arte moderna, o Abstracionismo não foi apenas uma tendência a mais, foi uma revolução dentro da arte. Quebrou-se todo um condicionamento que de certo modo acompanhou a evolução da arte desde a Idade da Pedra até os tempos modernos: o de perceber e reproduzir imagens do mundo real. Reivindicou-se a libertação da forma do seu conteúdo realista.





Na Rússia pré-revolucionária, Nathalie Gontcharova e Michel Larionov apresentaram as primeiras telas rayonistas, nas quais a cor buscava a mesma independência do som. A libertação da cor e da forma de qualquer significado real, a ideia de que têm vida própria, marcou o início de uma série de caminhos na arte moderna. Dentro dessa mística, a vanguarda russa, entre 1910 e 1920, teve um papel fundamental. Poetas e pintores aliaram-se em torno das novas ideias. A liberdade pleiteada pelos artistas significava, antes de tudo, um desligamento de pressões externas, dos cânones e padrões tradicionais.

Maiakovski, na poesia, Malevitch, Kandinsky,



Tatlin,



El Lissitzki,

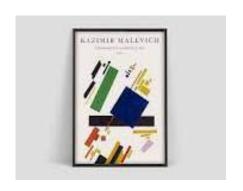


## Naum Gabo

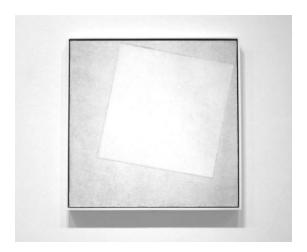


e Pevsner, nas artes visuais, tornar-se-iam os líderes do novo movimento, gerador de várias correntes estéticas não figurativas.





Malevitch procurava no suprematismo a essência do sentimento humano. Sua pintura, inteiramente despojada de elementos orgânicos, libertou-se do objeto, buscando na sensibilidade em seu estado mais puro o encontro com o Supremo. Malevitch propunha uma arte desinteressada, inteiramente subjetiva. Gabo e Pevsner, em seu Manifesto Realista, protestavam em favor de uma arte independente. A busca de uma nova realidade, o sentimento de ausência do objeto, o encontro com a essência das coisas motivou o grupo de vanguarda em torno do Construtivismo e também de uma nova visão da realidade.



Se para Pevsner e Gabo o ideal era a formação de uma nova sociedade, para Malevitch a verdadeira realidade da vida e da arte encontrava-se nessa busca do Supremo por meio da ausência de cores, da pureza e da sobriedade de formas. Sua arte buscava o vazio e a não objetividade. Branco sobre Branco, seu último quadro, enfatizava a absorção da forma na totalidade do Ser, que é impessoal e sem forma. O caminho proposto por Malevitch mostra-nos o fim da manifestação fenomenal e a entrada em outro plano, onde qualquer manifestação exterior significa descer ao mundo da multiplicidade. O branco é a fusão de todas as cores, sem fragmentações. Em Malevitch, a espiritualidade da Arte Abstrata encontra seu ponto máximo. Formas e cores desaparecem para dar lugar à claridade e à pureza suprema que é o Branco sobre Branco.

A busca espiritual desses pintores russos nos remete às fontes orientais da filosofia perene das Upanishads.

O conceito fundamental do Hinduísmo é que, por detrás da multiplicidade de formas do mundo imanente, existe uma Causa Primeira, imutável, inimaginável, sem atributos. Esta é Brahman e Atman (correspondendo respectivamente à abordagem objetiva e subjetiva).

O Ser impessoal ou o Supremo, ao qual Malevitch se refere, corresponde a Brahman, o Criador do universo, aquele que está presente neste nosso mundo, com sua multiplicidade de formas, e ao mesmo tempo o transcende.

Atman, da mesma natureza de Brahman, é a sua abordagem subjetiva, ou a Centelha Divina inerente a cada um de nós. (Trecho de "Os Caminhos da Arte", 3 Edição, Editora C/Arte, 2015)

\*Fotos da Internet

3 de julho de 2021

#### **ARTE SACRA I**

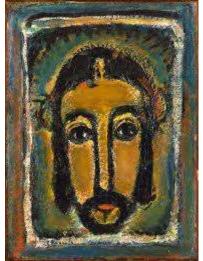


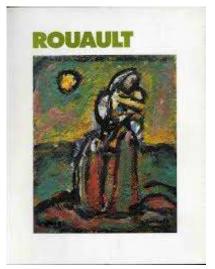












Fotos da internet

A inspiração religiosa suscita o homem, mesmo em estado primitivo de civilização, a exprimir seu sentimento em obras de arte. Podemos tomar como exemplo a arte negra, a arte primitiva e as antigas civilizações que, através da escultura, pintura, música, dança, reverenciavam e adoravam a um ser superior.

O artista é um místico por natureza e quando este misticismo reúne convicções e vivências cristãs, sua arte será naturalmente cristã, mesmo que não aborde temas religiosos.

Há uma distinção clássica feita por Jacques Maritain em seu livro *Arte e Escolástica* entre arte cristã e arte sacra. A primeira é aquela que é realizada por um artista cristão. É o que sentimos nos murais das catacumbas, nas catedrais da Idade Média, nas telas de Fra Angelico e Greco, e em toda a obra de Maurice Denis, Rouault e o grupo de pintores que iniciou, em França, a renovação da arte sacra. Suas obras comunicam uma profunda mensagem de fé cristã.

A arte sacra é aquela que é posta a serviço da Igreja, e tanto pode originar-se de um artista cristão como de outro qualquer, desde que preencha as finalidades para as quais se destina.

Às vezes, um artista não-cristão consegue realizar tão bem uma obra de arte sacra como outro que professa a religião.

O verdadeiro artista está cheio do conteúdo espiritual e essa reserva de espiritualidade elevao a um plano extraterreno, quando se empenha em realizar uma obra cuja finalidade é servir ao culto público.

Projetada por Oscar Niemeyer (artista não católico), a capela do Palácio da Alvorada, em Brasília, em sua simplicidade mística, conduz à oração e ao silêncio.

Ao se encomendar um projeto de arte sacra a um arquiteto, não se deve indagar se ele é bom católico ou não, mas se a sua arte é realmente criadora, se o seu instinto poético o levaria a uma identificação perfeita com o ideal cristão.

Le Corbusier, combatido por seu ateísmo, projetou e realizou em Ronchamp, França, a capela de Notre Dame du Haut, local de romaria. A capela de Ronchamp, em sua linguagem espiritual de beleza, fala a todos os tipos de pessoas. Ali encontra o fiel um abrigo de silêncio e paz para a meditação.

Le Corbusier não se afastou da finalidade principal da Igreja, que é a de elevar o espírito dos fiéis, mas procurou concentrar-se nela.

Em carta ao bispo de Besançon, escreveu: "Eu queria criar um local de silêncio, de oração, de paz, de alegria interior. Na construção desta capela, o sentimento do Sagrado nos deu ânimo e força. Algumas coisas são sagradas, outras não o são, sejam elas religiosas ou não."

As palavras de Le Corbusier vêm dar mais um atestado da diferença que existe entre arte cristã e religiosa, feita espontaneamente por um artista religioso, e arte sacra, isto é, a que serve para o culto. (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", Editora Agir, 1969)

19 de abril de 2020

#### **ARTE SACRA II**

Dando continuidade à postagem sobre Arte Sacra, transcrevo trecho do meu livro "Vivência e Arte", Editora Agir, 1969.

A arte sacra procura, antes de tudo, através dos artistas, fazer viver nas igrejas um pouco do Espírito que ali habita.

A Igreja não deveria suportar a mediocridade. A expressão do eterno, para ser transmitida aos fiéis de modo convincente só poderá ter suas raízes num artista verdadeiro.

Antigamente, os grandes pintores e escultores eram chamados a colaborar nas igrejas. Trabalhavam cuidadosamente, esculpindo na madeira ou na pedra, anos a fio, dia a dia, inspirados nas verdades da fé cristã.

A Igreja estava à frente de todos os movimentos culturais, apoiando e estimulando os artistas.

Era como que uma orientadora do bom gosto público, sempre adornada e enriquecida com o que de melhor havia em sua época.

No templo do Deus vivo ardia a chama da verdadeira arte, entoando louvores eternos. Nem sempre este louvor correspondia, exatamente, à liturgia da Igreja, como no caso da arte barroca, quando o objetivismo renascentista e suas fórmulas já vazias de tanta repetição cederam lugar ao

subjetivismo, quando o seu espírito científico e formal se transformou em dinamismo de formas poéticas.

Desde os primeiros tempos do cristianismo, quando cessaram as perseguições religiosas e os cristãos puderam erguer seus templos, as igrejas viram-se enriquecidas com as mais belas jóias de arte de sua época.

Os bizantinos ofereceram ao mundo e à arte religiosa a visão feérica de seus templos riquíssimos; os mosaicos coloridos, com suas figuras imóveis, paralelas, traziam reminiscências das figuras gregas.

Esta arte se expandiu através da Europa (Itália, Espanha, França e Rússia cristianizada). A influência bizantina fez-se notar nas colunas das igrejas, nas portas e nos cofres, nos relicários esmaltados, nos símbolos e nos baixo-relevos.

Se fizermos uma revisão da arte sacra desde suas primeiras tentativas, veremos que ela se manifestou de maneiras diferentes, revelando os períodos de sua história. Assim, vimos a arte da Idade Média, entregue a artistas religiosos ou orientada por eles, inteiramente voltada para as verdades eternas, tentando trazer para a arte a noção do absoluto, do imutável. Esta fase durou quase mil anos e seus grandes artistas trabalhavam anonimamente formando um conjunto homogêneo. A arte da Idade Média refletiu um período da história em que os cristãos viviam unidos e participavam de um grupo visível. Trabalhavam em equipe, orientados pela igreja.

Os cristãos da Idade Média formavam uma verdadeira e autêntica comunidade. Disto nos dá testemunho a unidade de sua arte, movida por uma grande e única aspiração: aspiração de beleza e de glória eterna, de verdade e de absoluto.

Os artistas, arquitetos, escultores, pintores, trabalhavam em perfeita harmonia, cada um dando o que a inspiração lhe ditava, mas caminhando em igual sentido, com idêntico passo, idêntico ritmo, para construir, em completa unidade, as grandes catedrais que haveriam de resplandecer na história como a mais alta manifestação do idealismo coletivo.

Todo o conjunto das catedrais de França: Notre Dame de Paris, Chartres, Amiens, Reims, respiram de um mesmo impulso harmonioso, nascido do cristianismo vivido em perfeita comunidade.

Todas as forças da época se juntavam para isto, aspirando, antes de tudo, à vida sobrenatural. (Trecho do meu livro "Vivência e Arte", Editora Agir, 1969)

27 de abril de 2020

### **ARTE SACRA III**







Fotos da internet

Dando continuidade às postagens sobre Arte Sacra, transcrevo o texto abaixo, extraído do meu livro "Vivência e Arte", Editora Agir, 1968.

As catedrais góticas nasceram e cresceram com as comunidades cristãs, expandiram-se por toda a Europa, levando o mesmo ideal de beleza e grandiosidade a outros países e povos.

As comunidades cristãs orientavam e dirigiam a construção das catedrais tentando conservar, através dos séculos, a mesma unidade de estilo.

Enquanto esta orientação coincidiu com o impulso interno e a realidade sacral em que viviam, sua arte foi autêntica.

A arte não pode sobreviver senão num clima sempre renovado de liberdade de criação.

O artista precisa expressar-se livremente, de um modo pessoal, e, mesmo em se tratando de arte sacra, esta liberdade é necessária; liberdade de expressão e concepção, obedecendo apenas ao sentimento espiritual e litúrgico que a obra pede.

Este respeito ao litúrgico não significa, absolutamente, a repetição monótona dos estilos do passado, porque, dentro de uma civilização completamente diversa, estes estilos não traduziriam mais uma realidade. A decadência de um estilo começa quando ele é repetido superficialmente, como fórmula.

Sentindo que o espírito comunitário perdia terreno e a alma do povo já não participava em conjunto de um só ideal, voltaram-se os meios religiosos, numa tentativa de renovação, para a arte popular, feita por leigos. Suas origens vinham dos primeiros tempos do cristianismo, ainda nas catacumbas. Mas a arte popular, seguindo uma interpretação pessoal, muitas vezes, pouco esclarecida, veio trazer outro perigo para a arte sacra. Exprimia uma visão particular do artista, nem sempre condizente com a liturgia. Ela foi, ao mesmo tempo, o reflexo e o incentivo do sentimentalismo manifestado no século XVIII pelo barroco.

"Comover o espectador, representando a emoção experimentada pelo personagem, foi uma das leis da estética barroca", escreveu André Malraux.

A arte nos dá testemunho da vida de um povo, reflete o melhor e o pior de uma época. Assim, vimos o cristianismo da Idade Média erguer-se com suas catedrais em profunda unidade, coordenando todos os esforços num só sentido.

18 de maio de 2020

### **ARTE SACRA IV**











\*Fotos da internet

Dando continuidade às postagens sobre Arte Sacra, transcrevo o texto abaixo, extraído do meu livro "Vivência e Arte", Editora Agir, 1968.

E vimos também o barroco português em nossa terra, simbolizando a realeza e o poderio material do ouro, trazer-nos, com sua mensagem de beleza e arte, o testemunho de uma completa transformação na ordem espiritual e religiosa da época.

Vimos os santos dramáticos, as formas convulsas e complicadas, redondas, sensuais, refletir uma época de sentimentalismo e contendas religiosas. Em lugar da unidade e espírito comunitário da arte medieval, a rivalidade e o espírito de competição das congregações religiosas. O barroco foi a mais importante herança de arte que tivemos. Ele nos deu testemunho de suas riquezas nas igrejas da Bahia e Minas, no Convento de Santo Antônio e no Mosteiro de São Bento, no Rio. Em Minas, o Aleijadinho deixou-nos a marca de seu gênio não só em Ouro Preto como também em Congonhas do Campo e São João Del Rei, Tiradentes, Sabará e Mariana. Seus santos revestem os mesmos princípios dramáticos do barroco, têm vida humana, e não divina. Tendo traduzido a seu modo os textos bíblicos, de maneira expressiva e atormentada, ele eternizou também, com sua arte, o espírito do tempo em que viveu. E foi, conjuntamente com Ataíde, um dos maiores artistas brasileiros do passado.

No Rio, três monges do século XVII fizeram construir o Mosteiro de São Bento, considerado como um dos monumentos mais importantes do Patrimônio Histórico. O esplendor arquitetônico do Mosteiro deve-se à tradição da Ordem de São Bento, que inspirou o espírito de seu fundador e aos três artistas que, em conjunto, expressaram, dentro da linguagem de seu tempo, toda a grandeza de sua fé. Estes artistas foram: Frei Bernardo de São Bento – arquiteto; Frei Domingos da Conceição – escultor; e Frei Ricardo do Pilar – pintor.

Seguindo as características da época, a arte sacra manifestou-se através de verdadeiros artistas, esclarecidos apenas nos aspectos formais, mas interpretando a verdade a seu modo. Daí temos a verdade de um Rafael e de um Miguel Ângelo (considerado o pai do barroco), de um

Leonardo e de um Ticiano e, mais tarde, de um Goya e um Delacroix. Podemos fazer exceção a El Greco e Rembrandt, que procuraram traduzir em suas telas algo mais que a simples inspiração de um tema, trazendo para a Igreja uma contribuição de arte realmente cristã.

25 de maio de 2020

### HELOISA OLIVEIRA, UMA BRASILEIRA NO BUTÃO





Fotos: Heloisa Oliveira

Conheci Heloisa Oliveira na década de 80, quando ela acabava de chegar de uma viagem às ilhas de Bali, na Indonésia. Heloisa, fotógrafa e dançarina, seguia o seu chamado interno de viajar pelo mundo. Quando a conheci ela já havia morado no Japão, Inglaterra e Estados Unidos.

Em suas viagens pelos países orientais, a jovem artista registrava em fotos os aspectos de uma cultura ainda desconhecida para nós ocidentais.

"A dança em Bali não é para ser apresentada nos palcos, ela faz parte da vida do povo e revela estados mais profundos de consciência."

As palavras de Heloisa me tocaram. Estávamos juntas no caminho que busca a abertura de consciência através da arte e os países orientais, ainda não poluídos pelas referências materialistas do mundo ocidental, ali estavam para oferecer aos pesquisadores e viajantes da grande universidade da vida, uma referência pura do sentido da dança como meditação.

Acompanhei Heloisa a um bairro da periferia de Belo Horizonte onde um grupo se reunia aos domingos para dançar a "dança de roda" da tradição africana. Crianças, jovens e velhos se harmonizavam ao som de instrumentos musicais e ao ritmo dos tambores.

Heloisa sempre foi uma personalidade ativista na defesa da natureza. À frente de movimentos no Retiro das Pedras, ela organizava caminhadas e cerimônias seguindo a linha das

tradições indígenas.

Heloisa foi convidada para a coroação do rei do Butão que aconteceu em novembro de 2008. O Butão está situado no alto dos Himalaias, próximo à Índia e ao Nepal. É um lugar de rara beleza onde a civilização ocidental ainda não exerceu a sua influência. Ali somente pessoas escolhidas por eles podem visitar os templos e assistir às cerimônias. As danças sagradas foram registradas com grande sensibilidade pelas lentes de Heloisa, a fotógrafa.

De acordo com o depoimento de Heloisa, "grupos de monges budistas, de várias regiões do Butão se reúnem no palácio de verão do primeiro Rei, em Yungdrung Choeling, no Vale de Trongsa. Executam danças rituais (*Cham*) reveladas em visões pelo santo e

Terton-revelador de tesouros sagrados, Pema Lingpa, do século XV.

Dançam em reverência ao relicário que contém seus restos mortais embalsamados, "stupa". Estas linhagens de *Cham*, ou danças sagradas de máscaras, sobrevivem hoje como uma das tradições intactas de movimento ritual, fortemente preservadas no Butão.

O ano de 2007, anunciava grandes mudanças para o país, um momento histórico para o Butão: com a abdicação ao trono, o Quarto Rei conduziu o país à Democracia Parlamentarista".

30 de agosto de 2011

### A CASA DO BUTÃO







\*Fotos de Maurício Andrés

O Retiro das Pedras fica situado o alto das montanhas e, para irmos até Casa Branca, dentro do mesmo município de Brumadinho, tivemos de descer uma estrada sinuosa. O sol brilhava nas curvas, depois desaparecia.

Nossa direção era a "Casa do Butão", situada no condomínio Quintas da Casa Branca e iríamos assistir ao Encontro entre Culturas Brasil-Índia para celebrar a primavera.

Minha amiga, Heloisa Oliveira, ali construiu uma casa linda, com varandas internas, como nas residências orientais. O espaço interno permite a reflexão e ali foi acesa uma fogueira.

Heloisa Oliveira é conduzida por energias superiores que estão atuando neste plano. Ela é guerreira, não teme o desconhecido e sempre está descobrindo novas formas de viver.

No momento está inaugurando essa "Casa do Butão", incrustrada na montanha de minério.

Naquela região antigamente viveram índios, que hoje, de forma espiritual, defendem as montanhas.

A "Casa do Butão" é um exemplo para esta nossa época, tão cheia de ambições.

Minas sempre foi ambicionada por suas riquezas, e o exemplo desta casa que faz lembrar o pequeno reino situado no alto dos Himalaias vem trazer luz para a sede de devastação da natureza, característica dos tempos atuais.

"Felicidade interna bruta" é a meta do rei do Butão.

"Felicidade interna bruta" se contrapõe ao "Produto interno bruto".

Lá a meta é trazer felicidade para toda a população.

Heloisa chamou dois músicos para uma apresentação. Maurício Tizumba, conhecido músico e performer mineiro, afrodescendente, e Rashmi Bhatti, músico indiano nascido na região do Rajastão. Apesar de não falarem o mesmo idioma, se comunicaram de forma extraordinária através dos sons. Tizumba começou o evento musical tirando música e percussão de um galho de palmeira. Seu colega

indiano acompanhava aqueles sons com instrumentos tradicionais da Índia, numa improvisação que encantou os presentes.

Foram momentos de grande beleza neste duo improvisado, homenageando índios, negros, mulatos e caciques brasileiros com os sons perenes da Índia.

A música permite intensa comunicação entre os povos. O som dos instrumentos se irmana com os sons dos vocalistas, possibilitando um diálogo prolongado, quase ininterrupto.

A inauguração da "Bhutan House" foi um sucesso, e Heloisa, sua criadora, merece de nós um grande voto de louvor!

10 de setembro de 2018

#### **FELICIDADE INTERNA BRUTA PARA TODOS**



Fotos: Heloisa Oliveira

"Rio + 20, Felicidade Interna Bruta."

Este slogan, lançado ao mundo em 1972 pelo rei do Butão, está agora em pauta e vai constituir motivo de debate na próxima conferência Rio + 20. Deixar de lado a preocupação com o lucro e os valores materiais para buscar outros valores, é um grande passo no caminho da Paz sobre o Planeta Terra. Valorizar o ser humano, seu bem-estar, sua felicidade unida à natureza é o que todos nós pretendemos neste tumultuoso início do século XXI.

Caminhar para a paz universal é deixar que a felicidade chegue a todos e não a um pequeno grupo de privilegiados.

O rei do Butão anteviu isto desde 1972, e o colocou em prática em seu pequeno país, situado nos Himalaias. Quando um repórter veio entrevistá-lo sobre o PIB de seu país, ele respondeu que este produto interno bruto (PIB) tão badalado no mundo ocidental, não era prioridade para ele. A prioridade era a paz e a felicidade para todos os seus súditos.

Hoje, intelectuais, antropólogos e cientistas do mundo inteiro, inclusive dois Prêmios Nobel, começam a estudar suas ideias, buscando adaptá-las ao nosso ocidente materialista.

Transcrevo abaixo trechos do artigo de Heloísa Helvécia, publicado no jornal Folha de São Paulo, em 5 de junho:

"A felicidade entrou no debate da Rio + 20. A criação de uma alternativa ao PIB capaz de medir o bem-estar dos países é o "assunto da hora", segundo a antropóloga americana Susan Andrews, coordenadora aqui do projeto FIB (Felicidade Interna Bruta).

Sob patrocínio da ONU, o FIB butanês vem sendo recriado por um time de intelectuais. O grupo fez um questionário que sonda padrão de vida, governança, educação, saúde, vitalidade comunitária, proteção ambiental, acesso à cultura, uso do tempo e bem-estar psicológico. No Brasil, o FIB é mais do que um indicador, segundo Susan. É um catalisador de mudança social que tem o potencial de unir poder público, empresas e cidadãos para a felicidade de todos. É pensamento sistêmico na prática, diz a antropóloga graduada em Harvard, que é também mestre em psicologia e sociologia. E monja.

A monja junta ao currículo o título de embaixadora do FIB no Brasil, país para o qual ela veio por ocasião da Eco-92- e ficou.

Naquele ano, fundou o Parque ecológico Visão Futuro em Porangaba, a duas horas de São Paulo. É uma das primeiras ecovilas do país.

Segundo disse Ban Ki-Moon, secretário-geral da ONU, a Rio+ 20 precisa gerar um "novo paradigma" que não dissocie bem-estar social, econômico e ambiental. Os três, para ele, definem a "felicidade global bruta".

Susan Andrews acha que a introdução de indicadores mais sistêmicos já é um movimento mundial. É parte do espírito do tempo."

Heloisa Oliveira, fotógrafa mineira, muito familiarizada com o Butão, esteve recentemente naquele país, preparando um filme sobre os costumes e o modo de viver daquele povo. Heloisa estará participando da Rio + 20 com um depoimento na conferência intitulada "Cúpula dos Povos". Sua abordagem sobre o FIB é importante devido ao fato de que a nossa fotógrafa de Minas Gerais esteve várias vezes no Butão e conheceu pessoalmente o rei daquele país.

12 de junho de 2012

### PADRE INÁCIO





Fotos de Maurício Andrés

Conheci Padre Inácio na década de 70.

Ele viera do Oriente e passara algum tempo no deserto, entre os beduínos. Sua presença em Belo Horizonte reuniu grupos de pessoas interessadas no despertar espiritual. Muitas se acercavam dele buscando conforto para conflitos pessoais, cura de doenças e até o exorcismo de espíritos maus. Padre Inácio atendia a todos com amor e compaixão.

Muitas vezes fui chamada para ajudá-lo em cerimônias de cura: "Você é sensitiva, coloca a mão na cabeça do paciente e eu dou a bênção."

Os padres do deserto têm de exercer muitas vezes a função de médicos e curandeiros. O deserto atua de forma direta nas pessoas sensíveis, conduzindo-as a um completo despojamento do supérfluo e possibilitando maior abertura de consciência.

O deserto obriga a pessoa a usar o mínimo necessário para sua sobrevivência e, de certo modo, é uma iniciação espontânea e natural. As culturas primitivas buscavam no silêncio e no contato da natureza a percepção direta da Realidade Suprema.

A experiência culminante é a tomada de consciência de nossa origem cósmica.

Padre Inácio entrava em êxtase quando consagrava a hóstia e seu rosto resplandecia ao levantar o cálice.

Vinha gente de longe para participar daquele momento abençoado. Depois da missa ele atendia aos fiéis.

Sentávamo-nos numa sala pequenina e ali ele ia aconselhando e trazendo conforto. Meus tios vieram do Rio para conhecê-lo. Tinham acabado de perder o filho de forma trágica. Padre Inácio

conversou com os dois e elogiou muito o trabalho social que faziam.

Meu filho Euler, que tinha 18 anos na época, veio nos pegar de carro. Quando ele apareceu à porta, minha tia comentou em tom de censura: "Padre, o senhor já viu um rapaz dessa idade com cabelos compridos?" Respondeu o padre: "Já vi sim, Nosso Senhor Jesus Cristo".

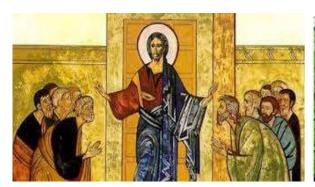
Padre Inácio não tinha preconceitos, era ecumênico, abençoava casais que iniciavam um novo casamento, organizava grupos de reisado e congado.

Sua presença em Belo Horizonte veio acelerar o processo de integração de culturas.

No livro "Padre Inácio, vida, missão e curas", há uma introdução de Pierre Weil: Mensagens de Padre Inácio vinte anos depois de sua morte - um testemunho de Pierre Weil: "Como relatei no meu livro, "Lágrimas de compaixão", tive a felicidade de conhecer meu amigo Amyr Amiden, um sensitivo extraordinário, descendente de árabes e sujeito às experiências místicas, cuja intensidade afeta o seu coração, tal como o padre Inácio Farah. Há muitos anos eu assinalei estas semelhanças para o próprio Amyr.

Após mais de uma década, desde o nosso primeiro encontro, por ocasião de uma visita na minha casa, Amyr foi o canal de um especial fenômeno que presenciamos: o aparecimento de hóstias nas paredes de minha sala de estar. Descobrimos que uma das hóstias foi alojada num retrato do padre Inácio, tirado em Belo Horizonte, pelo meu amigo que é arquiteto ambientalista, Maurício Andrés. O retrato estava pendurado na parede de meu quarto de meditação e representava o padre Inácio, elevando uma patena durante a missa, como mostra a foto da capa deste livro. A hóstia tinha sido alojada exatamente no lugar correto, em cima da patena, como mostra a foto a seguir. Na porta do meu quarto de meditação apareceu um coração feito de óleo, divinamente perfumado." (Texto integrante do livro "Padre Inácio – vida, missão e curas". Coletânea, introdução de Pierre Weil)

### **JOHREI E INIMÁ DE PAULA**







Fotos da internet

Na década de 70, em plena ditadura militar, eu recorria ao meu amigo e colega Inimá de Paula para, de suas mãos, receber a energia que me tranquilizava dos conflitos causados pela repressão. Inimá transmitia para todos a luz de que precisávamos naquela época para suportar as perseguições impostas pelos militares. Muitas vezes famílias inteiras que o procuravam para ver seus quadros acabavam recebendo o Johrei. Inimá, um dos maiores artistas de Minas Gerais, ministrava o Johrei com sua tranquilidade habitual. Chegou a visitar o Japão afim de se aperfeiçoar naquela prática de canalização de energia espiritual.

Agora Inimá tem um museu na Rua da Bahia, em Belo Horizonte, onde se realizam exposições de arte e concertos de música. De acordo com os ensinamentos de Meishu-Sama, o mestre japonês que criou o Johrei, a arte é considerada um dos pilares da evolução espiritual do ser humano. Os seus ensinamentos consideram três pilares para a humanidade alcançar um estágio superior nesta caminhada pelo planeta.

- 1° Ministrar e receber o Johrei.
- 2° Cultivar o Belo.
- 3° Utilizar da Alimentação Natural.

Para ministrar o Johrei a pessoa recebe o Harikari, uma medalha como forma de ligação com a luz que ele transmitirá aos outros.

Recebi o Harikari no dia 30 de abril, aniversário de meu pai. Do outro lado da vida ele também participou dessa iniciação. Uma das características principais do Johrei é o encaminhamento dos antepassados para um plano superior de mais luz. O culto aos antepassados é uma característica das religiões do Extremo Oriente. Na minha primeira viagem ao oriente, assisti em Honolulu a uma cerimônia budista de culto aos antepassados. No culto aos mortos não existe tristeza e, sim, um sentimento de paz e quietude interior.

A nossa cultura ocidental não dá ênfase a cultuar nossos queridos familiares que partiram para um plano mais sutil. Nos limitamos a reverenciá-los somente no dia de finados. Na tradição cristã, Jesus Cristo transmitia energia de cura através da imposição de mãos.

Transcrevo aqui algumas mensagens de Meishu-Sama:

- \_ "O homem possui a partícula divina, que lhe foi outorgada pelo Criador, e que constitui seu espírito primordial".
- \_ "Nós, que vivemos atualmente, não somos seres surgidos do nada, sem relação com nada. Na verdade, representamos a síntese de centenas ou milhares de antepassados, e existimos na extremidade desse elo."

"Nós somos o elo entre nossos antepassados e as gerações futuras."

## UMA EXPERIÊNCIA TRANSCENDENTAL







Fotos de Maria Helena Andrés

Meu primeiro contato com os ensinamentos de Krishnamurti aconteceu em 1973.

Comprei um livro no aeroporto de Belo Horizonte e segui viagem para Brasília. Li durante a viagem e durante toda a noite, não conseguia parar. Só terminei quando o sol se levantou.

A partir daquela experiência, minha vida tomou uma direção completamente diferente.

A força de suas palavras derrubou antigos conceitos.

Desde aquela época comecei a perceber que o grande mestre era a minha própria vida, não havia mais necessidade de me filiar a organizações ou grupos espiritualistas.

Naquela ocasião, eu me defrontava com uma série de experiências extrassensoriais e uma delas definiu o meu caminho.

Era noite de lua cheia. Estava num estado de quase vigília, num estado transpessoal. Sentia muita sede, via a claridade da lua batendo sobre o copo d'água à minha frente, mas algo me colocava imóvel, na cama.

Quatro instrutores me apareceram. O primeiro me deu o seguinte ensinamento: "A melhor maneira para você matar a sua sede é praticar estes exercícios de yoga". Pratiquei-os e continuei com sede.

Então outro se aproximou e me ensinou uma dieta especial. Pratiquei também este ensinamento e continuei com sede.

Em seguida um terceiro deu-me instruções sobre determinadas regras de conduta e, apesar de praticá-las, continuei com sede.

O quarto ensinou-me respirações adequadas, mas o resultado foi o mesmo.

Então, levantei-me de um salto, peguei o copo d'água e o bebi. Neste instante, uma voz interna me falou: "Seu caminho é direto".

As madrugadas me traziam novas experiências e numa delas recebi um toque no chacra entre as sobrancelhas e no alto da cabeça. Um estado de Ananda (paz interior) me invadiu. Foi quando eu pude compreender as palavras de São Paulo: "Já não sou eu quem vive, é o Cristo que vive em mim." Meu arquétipo da divindade preparou o caminho para a realização do Deus impessoal, ou a união com o imensurável. Para isso eu teria de entregar o Cristo Interno. Esta experiência não pode ser descrita, mas foi a porta de entrada para o meu dharma (missão) de estudos, experiências e viagens. Todos os mestres me ajudaram e a eles agradeço as instruções e as setas indicando o caminho.

Mas meu caminho teve de ser percorrido com meus próprios recursos e minhas próprias limitações.

Só assim poderei seguir viagem em direção à Essência de onde vim e para onde retornarei.

9 de agosto de 2016

### A BELEZA DO COTIDIANO







Fotos de Marília Andrés

Marília plantou um flamboyant em frente à sua casa, mas a árvore não gostou de ficar na rua.

Queria ver a piscina, queria ver as pessoas nadando. Era muito mais divertido do que ver os carros passando na rua.

A árvore cresceu, deu folhagens e galhos pendentes e se debruçou para ver as estrelas que o artista Manoel Serpa pintou nos azulejos da piscina.

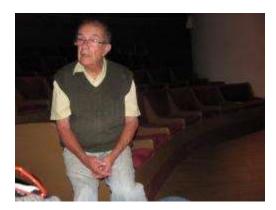
Os azulejos são lindos e as estrelas desenham um caminho para o norte. A árvore dança para as estrelas, de forma suave, ao sopro do vento. A dança é leve e a água azul agradece a coreografia verde. Ela responde ao espetáculo, participando com pequenas ondas que tremem de frio.

Enquanto isto, os pássaros chegam bem perto e se debruçam no parapeito para beber água. Alguns dão um voo rasante para se banhar na piscina.

E assim, a beleza do cotidiano acontece diante dos meus olhos.

4 de maio de 2020

### **PARA O RONEI FILGUEIRAS**





Fotos de Marília Andrés e da internet

Em frente à sua casa há silêncio, mas as flores estão vivas.

Elas nos contam de um passado recente, você regando este jardim, infindáveis de viagens pelo mundo, submerso em memórias ancestrais. Aqui você construiu o seu mundo, o seu palácio, onde a arte floresceu e se projetou na música. Acompanhamos de perto, sua trajetória neste planeta, onde você descobriu beleza nas transparências dos vidros, no colorido das flores, no reflexo dos vitrais. Havia música por toda a parte, música erudita,

contando estórias

Sua esposa
Zezé
apresentava
os músicos
para

o público.

piano de cauda.

Grandes músicos desfilaram por este teatro, iluminado por vitrais coloridos.

Todos vestíamos com nossas melhores roupas, traje à rigor.

Você reformou o teatro para uma apresentação feérica, pensou em tudo.

Sua passagem
para outro plano
foi ali celebrada,
com a beleza de
um cenário
transparente.

Foi como você

sempre desejou, coroado de beleza.

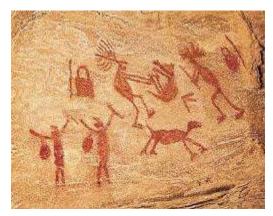
Hoje,
as borboletas brancas
voam sobre
o jardim,
exuberante de flores,
protegendo este
lugar,
reservado ao
sonho.

4 de maio 2020

## FORÇAS DA NATUREZA







\*Fotos da internet

No oriente, existem mantras que atuam sobre os elementos da matéria. "Om namah shivaya" é um deles.

No Brasil, os nossos indígenas, mergulhados nas florestas, conhecem a natureza muito melhor do que nós, habitantes das cidades.

Em 1998, o estado de Roraima teve quase um quarto de seu território queimado, devido a uma seca que já durava três meses. Depois de frustradas tentativas de apagar o fogo, o governo resolveu recorrer à sabedoria popular. Dois indígenas de tribos da Amazônia foram levados de Mato Grosso até Boa Vista para executarem a dança da chuva.

As passagens e o hotel foram pagos pela FUNAI. Os dois pagés dançaram durante 40 minutos, às margens do rio Curupira, pedindo chuva ao deus Coroti. Para surpresa geral, a chuva veio e apagou a maior parte dos focos de incêndio!

(Notícia publicada na internet em maio de 2011 como "curiosidades")

13 de setembro de 2020

# **CONTEMPLAÇÃO**

Observar o entorno

É

Forma de meditar.

Porque só se

Medita no Agora.

Contemplar é observar

A natureza.

Hoje observo o

Movimento

Da sombra e da

Luz.

Vejo o sol como

Um grande artista

Visual

Pintando no verde

Do gramado.



Há sombra e luz Em toda a parte. Nas minhas esculturas,

Sombra e luz na
Calçada em frente,
Sombra e luz
Na grama resistente,
Sombra a luz nas
Casas, nos telhados
Nos muros.
Sombra e luz nos
Carros parados na
Rua,



Sombra e luz No casco das árvores, Dos pinheiros que Eu plantei.



Eles eram tão pequenos, Como cresceram! Eram verdinhos, o caule Delicado, hoje estão Poderosos, resistentes.



Hoje observo como ficaram

Enrugados com o tempo.
Os pinheiros nos fazem
Lembrar o quanto a natureza
Se assemelha ao ser
Humano.
Também nascemos
Florescemos, e com o
Tempo também
Nos enrugamos.



O ser humano faz
Parte de tudo o
Que existe.
Uma parte pequenina
E tão prepotente,
Querendo o domínio
Soberano de tudo
Que já existia muito
Antes dele aparecer
Na terra.



Fotos de Ivana Andrés